



NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

DEZ ANOS

No dia 10 de Maio O Novo Fanguero fez dez anos. Isto quer dizer que há já 3650 dias que nós e todos os colaboradores deste mensário vimos dando vida a um livro de actas que irá perpetuar a memória de Fão pelos tempos fora. Livro de actas, mensageiro de novidades para quantos fangueros mourejam lá fora, porta-voz dos anseios por que luta esta terra, crítico, ligeiramente crítico das coisas que aqui não deveriam acontecer, incentivador do muito que se pode fazer a bem de Fão.

Passaram-se 10 anos. Muitas horas, centenas ou milhares de horas investidas por várias pessoas de uma forma totalmente graciosa. Horas gastas na procura de notícias e na elaboração das mesmas. Horas dedicadas à pesquisa de acontecimentos passados e de pessoas que já se foram, mas que para escrever sobre os mesmos ou sobre as mesmas obrigam à leitura de milhares de páginas e ao manuseio de centenas e centenas de jornais, não se conseguindo muitas vezes, porém, um resumo do tamanho de uma folha A4. É um trabalho que não se vê e a que só sabe dar valor quem anda metido nelas. Já mais do que uma vez opinámos que um jornal é também uma instituição como o são os Bombeiros, o Hospital, o Futebol, etc. E que não é dos menos trabalhosos como afirmámos acima. Ele implica muita doação, muito trabalho e sobretudo amor ao bairro.

Estamos convencidos que esta dedicação, esta forma de bairrismo não é compreendida por alguns conterrâneos que traduzem essa animadversão pela preferência que evidenciam por outros órgãos informativos de fora, se não houver um alojio, se se aborda um assunto com objectividade, se não se diz o que eles pretendem. Por natureza, por formação, pela cultura aprendida, pela possibilidade de estar de uma certa maneira, não hipotecamos a nossa vontade a ninguém. Apenas o fazemos à nossa consciência que consubstancia uma singular maneira de compreender o mundo. Assim actuamos e assim continuaremos a actuar. A compreensão, a ajuda de tão bons amigos, anunciantes, colaboradores e assinantes dão-nos a certeza que a rota traçada é de prosseguir.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

P.º FRANCISCO DIAS CUBELO SOARES

«Ao que parece, e assim temos de concluir por exclusão de partes, o único fanguero que se deu ao cuidado de lhe escrever, o único fanguero que não teve a memória curta e manteve sempre presente a incomensurável benemerência do grande capitalista (dr. Arlindo Correia Leite), então caído em desgraça, foi o Padre Francisco Cubelo que, inclusivé, pôs a sua casa à disposição para que o dr. Correia Leite nela fosse descansar quando devolvido à liberdade». Assim terminámos nós o perfil do dr. Arlindo Correia Leite traçado em O Novo Fanguero de 10 de Janeiro de 1988. Esta atitude do P.º Francisco Cubelo revela sentido de gratidão, grandeza de alma e um grande amor à terra fanguera exactamente porque o padre Cubelo queria de certo modo, como fanguero consciente, retribuir com carinho e amizade, não qualquer favor que Correia Leite lhe tivesse prestado individualmente, mas sim a incansável dedicação que a família Correia Leite sempre nutria por Fão.

Embora sem termos alimentado grande familiaridade com o P.º Cubelo, pároco das Marinhas, ficou-nos a impressão de um homem calmo — sua voz amaciada era a expressão da calma — apaziguada, tolerante. Era também inteligente e considerado bom orador.

Terminou o curso teológico em 1910 e foi ordenado na Matriz de Vila do Conde em 1912. Por esta altura Portugal parecia um vulcão, pois havia dois anos tinha sido implantada a República. Os monárquicos não se conformavam, o Partido Republicano não se entendia, tanto que se subdividiu em três ramos: Democrático, Evolucionista e Uniunista e os católicos, uma grande maioria não aceitou bem as medidas progressistas — dizem alguns que anti-clericais — que Afonso Costa, ministro da Justiça, tomou, nomeadamente as leis da separação da igreja do Estado e do divórcio. O P.º Cubelo foi apanhado neste vórtice revolucionário, não cedeu a certas demagogias em moda e houve-se sempre com muita dignidade. Diz a propósito o dr. Sobral Torres no Jornal de



P.º Francisco Dias Cubelo Soares

Esposende de 3 de Junho de 1980: «Porém, o P.º Francisco Cubelo, apesar da sua juventude, mas já portador de forte personalidade, não se deixou arrastar pela onda de paixões políticas que avassalava o nosso país, grandes, numerosas injustiças, conflitos e atitudes de oportunismo ou de compromisso servil. O seu procedimento recto, independente e disciplinado, com o devido respeito pela Hierarquia e na Fidelidade à Doutrina Cristã, custou-lhe muitas incompreensões, dissabores e até perseguições injustas».

(Continua na pág. 2)

O EFEITO BOOMERANG

Se bem nos lembra, alguns jornais diários fizeram há tempos um chinfrin dos diabos contra o facto de a Câmara de Esposende, de que é Presidente Alberto Figueiredo, estar a fornecer água à firma Figueiredo & Mariz, Lda (Impetus), no lugar de Fonte de Lima, freguesia de Barqueiros, do concelho de Barcelos, cujo dono é o cidadão Alberto Figueiredo, o mesmo que ocupa a primeira cadeira municipal.

Tratou-se, sem dúvida de uma queixa política, protagonizada por três munícipes cuja camisola não é da cor laranja, concerteza, e que tiveram o cuidado de participar o furo jornalístico à imprensa.

Em nosso entender a denúncia de uma possível ilicitude não tinha pés para andar porquanto:

a) a Impetus pagou todos os trabalhos de ligação (olha logo quem) e paga a água que

(Continua na pág. 2)

PAGUE A ASSINATURA

Parece que a crise que se faz sentir na Europa se reflecte igualmente nos nossos assinantes. Poucos estão a pagar a assinatura. Assim as dificuldades que a Administradora vem sentindo são acrescidas por este albeamento dos nossos assinantes. Alguns, quando nos vêem, ainda continuam a dizer: «É pá ainda não paguei o jornal». Mas não saiem disto. Não se chegam, como se costuma dizer.

E era bom que se chegassem para sossego da Administradora.

DE FÃO SÃO OS FANGUEIROS

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Em resposta a uma dúvida apresentada no Editorial do n.º 36 de «O Novo Fangeiro», fez eco este jornal, no seu n.º 37, de 10/6/1987, dos meus comentários, que apresentou na mesma rubrica, com o título: «Antes de mais - Fangeiros».

Tomei a liberdade de voltar a abordar este tema, depois de ter ouvido uma gravação da tertúlia, em que foi conferência o ilustre historiador e arqueólogo: Dr. Brochado de Almeida. No início desta conferência sobre a Idade Média em Fão, terá afirmado que os seus habitantes «não são Fangeiros»!...

Não sei, se o ilustre investigador tem lido, todos os meus artigos sobre a presença de habitantes de Fão, em outras localidades no Brasil, assim como o referido Editorial da minha autoria.

Nesses artigos, confirmei a presença de habitantes de Fão, que desde o século XVII, ostentam a alcunha e o apelido de «Fangeiros», seja na Foz do Douro, em Matosinhos e Leça da Palmeira, na Póvoa de Varzim e no Brasil, assim como no Porto e em Lisboa.

São já algumas dezenas os seus habitantes, de que conheço a sua evolução genealógica. Os da Póvoa de Varzim, Matosinhos, Leça da Palmeira, Porto e (um de) Lisboa, são oriundos de seis ramos, saídos de Fão a partir do séc. XVIII.

O autor deste comentário é um dos seus descendentes, que continua a ostentar o apelido fixado na sua família cerca de 1810.

Uma das famílias do Brasil, saíra no séc. XIX, como o comprovei nas minhas investigações. Os habitantes de Fão, quando saíam da sua terra, informavam os habitantes e vizinhos das terras que os acolhiam, de que eram «Fangeiros»!

Quando iam às igrejas, para registar os seus Casamentos, Óbitos e Nascimento dos seus antepassados ou descendentes, declaravam o apelido de Fangeiro, além do sobrenome ou patronímico.

Assim aconteceu, pelo menos a partir de 1613.

O que aconteceu com os habitantes de Fão, aconteceu com os da Póvoa de Varzim, que se assumiam como «Poveiros».

Também em comum, à denominação da terra (ou à sua raiz), acrescentaram o sufixo «eiro», de origem latina, constituindo uma forma popular de exprimir os nomes «gentílicos», étnicos ou pátrios», que indicam «procedência» ou «naturalidade».

Além do sufixo «eiro», outros são usados, baseados no uso e na tradição, com a legalidade que o povo lhes conferiu, como sejam os terminados com:

«ano» — Alentejano, Ribatejano, Valenciano, Transmontano e Bragançano; «ão» — Beirão e Barrosão; «ato» — Maiato; «ejo» — Alcoutenejo (de Alcoutim) e Colarejo (Colares); «enho» — Estremenho e Barranquenho (de Barrancos); «eno» — Santareno e Nazareno; «ês» Braguês, Vianês e Gandrês (da Gandra); «eta» — Lisboaeta; «ino» — Brigantino, Ovarino e Gerazino (de Geral do Lima); «io» — Algarvio; «ista» — Macaista (de Macau); «oto» — Minhoto.

Para o sufixo «eiro», além de Fangeiro e Poveiro, temos: Valongueiro (de Valongo), Cartaxeiro (do Cartaxo), Sãojoaneiro (da Foz do Douro), Feiteiro (Feitos-Barcelos), Leceiro (de Leça) e Brincheiro (de Brinches).

Resta-nos falar do sufixo mais vulgar conhecido, por forma literária, também de origem latina (como «eiro») e que é «ense», derivado do latim «ensis» (formação da raiz «ens» e determinativo «is»).

Esta forma é sem dúvida a mais usual na formação dos «gentílicos» portugueses, umas vezes como únicos indicadores de «procedência» ou «naturalidade», outras vezes, constituindo uma alternativa à forma popular, mais arcaica.

Se consultarmos o livro «Gentílicos e Apodos tópicos de Portugal Continental, da autoria do ilustre investigador da nossa Língua, com mais 60 trabalhos editados, o Dr. Alexandre de Carvalho Costa, publicado em 1973, vemos na página 129 para Fão, os gentílicos: 1.º «Fangeiro», 2.º «Fãozense».

Quer no primeiro, como no segundo caso, foi necessário intercalar uma consoante.

Porém, no primeiro caso, haverá uma ligação mais harmónica com a grafia do topónimo, que lhe está na origem: «FAOMM» nos séc. XIV e XV, e «FAM», nos séc. XVI, XVII e XVIII.

No I vol. de «Topónimos e Gentílicos», de I. Xavier Fernandes, de 1941, aparece unicamente a forma «Fangeiro». Também no Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa, de Magnus Bergstrom e Neves Reis, «Fangeiro» antecede «Fãozense».

Poderíamos ficar por aqui, mas talvez seja melhor continuar.

(continua)

25 DE ABRIL

Com um jantar de confraternização no Restaurante do Rio, uma salva de foguetes no Cortinhal, após a meia-noite, e um excelente convívio musical oferecido pelos impagáveis Fernando Barbosa, Armando Solinho e um filho deste, reuniram-se cerca de 60 pessoas de diversas conotações partidárias, na noite de domingo 24 de Abril para saudarem os 20 anos da Revolução dos Cravos. É com esta simplicidade que há muitos anos se comemora em Fão o 25 de abril de 1974. Nada mais.

É pena que se tente tapar com o esquecimento premeditado ou não uma data histórica que trouxe e deu à maioria do povo português muito mais do que tirou à minoria. E desagradável também é ouvir de muitos que só beneficiaram e de que maneira! com a democracia, pirôpos deselegantes para com os que com a maior naturalidade apenas desejam que o 25 de Abril viva sempre.

ENCONTRO

*Bati à tua porta, de manbã,
Que logo foi aberta, de mansinbo...
E vi no teu sorriso de romã,
Uma bênção de luz para o caminbo.*

*Agora não me importa ter na estrada,
Espínbos, lama, pedras ou escolbos,
Poís a minba alma foi iluminada
Pelo clarão suave dos teus olbos.*

*Oh! encontro feliz duma tal flor!
Oh! surpresa tão bela e natural!
Oh! sonbo azul, idílica ilusão!*

*Bendito o teu sorriso encantador,
Bendito o teu olhar angelical,
Bendito o Aroma do teu coração.*

DINIS DE VILARELHO

P.e FRANCISCO DIAS CUBELO SOARES

(Continuado da pág. 1)

Chegou a estar preso com residência fixa em Fão, tendo no entanto sido protegido pelo então Administrador do Concelho, dr. Alexandre Torres que se responsabilizou pela conduta do «perigoso reaccionário» Padre Cubelo, até à conclusão do inquérito.

A sua firmeza impressionou vivamente o arcebispo de Braga D. Manuel Vieira de Matos que o nomeou pároco das Marinhas, vindo a ocupar o lugar ainda quente do anterior pároco, o famoso P.e Giesteira que lá tinha os seus adeptos. E que reagiram muito negativamente à decisão do antístite bracarense.

Diz ainda o dr. Sobral Torres: «Daqui o ambiente» quente e provocador que o nosso «Reitor» encontra ao entrar nas Marinhas, no verão de 1919: a igreja chega a estar interdita ao culto; vê-se obrigado a mudar frequentemente de residência; por duas vezes é assaltado e maltratado quando de noite levava a Extrema-Unção aos enfermos em estado grave».

Se o leitor se lembra do que a escrevemos a propósito do perfil do Prior Nogueira, concluirá que Fão passou pelas mesmas vicissitudes quando a Hierarquia substituiu o P.e Luiz Azevedo pelo P.e António Alves Nogueira.

Ao fim de 50 anos de apostolado profícuo na freguesia de Marinhas em que desencadeou acções de âmbito social e religioso, o P.e Francisco voltou ao seio da sua família em Fão, sua terra natal, e foi o orador escolhido para falar em 24 de Abril de 1976 a quando do descerramento oficial da lápide comemorativa da elevação de Fão à categoria de vila. Foi porventura a sua última intervenção pública.

O EFEITO BOOMERANG

(Cont. da pág. 1)

gasta; b) a citada fábrica era e é um posto excelente de trabalho, portanto de mão de obra; c) alguns munícipes da área, embora pertencendo a Barcelos, estavam a beneficiar de igual medida; d) a conduta das águas de Espoense passava mesmo ali ao pé da porta (duzentos metros) enquanto a água de Barcelos estava a quilómetros; e) o rio fornecedor da água é o mesmo: Cávado; f) estava em causa uma questão de solidariedade municipal reforçada pelo facto de as terras banhadas pelo rio Cávado estarem agrupadas numa «entente» que têm por objectivo o fornecimento de água às populações.

Conclusão: faz-se uma sindicância e o resultado foi quase um elogio à forma como todo o processo foi tratado.

Quando se acusa tem que se apresentar provas incontrovertidas pois, se não, surge o efeito boomerang.

DESASTRE

Vítima de desastre ocorrido em Vila Seca faleceu Marina Adelaide dos Santos Lino. O automóvel em que seguia foi abalroado por um camião. O condutor, marido da falecida, foi conduzido ao Hospital de Barcelos com as duas pernas partidas. Uma filha do casal Ana Maria Lino Roque foi levada para o Hospital de S. João mas acabou por morrer.



CONHEÇA-O MELHOR, CONHEÇA-O POR DENTRO

ANTÓNIO DE ALMEIDA MIQUELINO
QUESTIONÁRIO DE PROUST

- *Que é para si o cúmulo da miséria?*
- O vazio espiritual.
- *Onde gostava de viver?*
- Entre Sintra e Esposende.
- *Qual é o seu ideal de felicidade terrestre?*
- Viver em paz rodeado de jardins e de livros.
- *Para que faltas tem mais indulgência?*
- Vaidade.
- *Que heróis de romance prefere?*
- O Malhadinhas, o Afonso da Maia.
- *Qual é a sua personagem histórica preferida?*
- D. Afonso Henriques.
- *Quais são os seus heróis preferidos da vida real?*
- Madre Teresa de Calcuta e os Missionários.
- *Qual o seu pintor preferido?*
- Rembrandt.
- *Qual o seu músico preferido?*

- Beethoven.
- *Quais são as qualidades que prefere no homem?*
- Honestidade e diligência.
- *Quais são as qualidades que prefere na mulher?*
- Honestidade e docilidade.
- *Qual é a virtude que prefere?*
- Lealdade.
- *Qual é a sua ocupação favorita?*
- Leitura.
- *Quem gostaria de ter sido?*
- Jesus Cristo.
- *Qual é o principal traço do seu carácter?*
- Diligência.
- *Qual é a qualidade que mais aprecia nos amigos?*
- Lealdade.
- *Qual é o seu principal defeito?*
- Egoísmo.
- *Qual é o seu sonho de felicidade?*

- Longa vida com saúde.
- *O que seria para si a maior infelicidade?*
- Conhecimento antecipado de doença incurável.
- *Quem é que gostaria de ser?*
- Eu mesmo.
- *Qual é a cor que prefere?*
- Amarelo.
- *Qual é a flor que mais gosta?*
- Rosa.
- *Qual o pássaro de que mais gosta?*
- Pintassilgo.
- *Quais são os seus escritores preferidos?*
- Eça de Queirós, José Saramago.
- *E quais são os seus poetas preferidos?*
- Camões e Bocage.
- *Quais os seus nomes preferidos?*
- António, Emília, Cristina, Patrícia.
- *O que detesta acima de tudo?*
- Hipocrisia e mentira.
- *Quais são os caracteres históricos que mais abomina?*
- Torquemada. Hitler.
- *E os feitos históricos que mais admira?*
- As descobertas portuguesas.
- *Qual é a reforma que mais admira?*
- O renascimento.
- *Qual era o dom da Natureza que desejaria ter?*
- Saúde.
- *Como gostaria de morrer?*
- De repente sem sofrimento.
- *Qual é o seu presente estado de espírito?*
- Alegria e felicidade.
- *Qual é a sua divisa?*
- Não são os génios que fazem o mundo avançar mas sim a capacidade de trabalho de cada um.



SOPETEOFIR HOTEL

★★★★

AVENIDA RAUL DE SOUSA MARTINS
4740 FÃO

- RESTAURANTE PANORÂMICO
- SNACK
- MÚSICA AO VIVO
- BOWLING
- TÊNIS

SERVIÇOS DE CASAMENTO FESTAS DE VERÃO

ESTE HOTEL PELA SUA EXCELENTE LOCALIZAÇÃO PROPORCIONA A TODOS OS SEUS CLIENTES SOLUÇÕES AGRADÁVEIS PARA REUNIÕES DE AMIGOS, DE TRABALHO, DE LAZER, DE DESPORTO E UM SEM NÚMERO DE OUTROS SERVIÇOS E FACILIDADES.

ESPECIALMENTE VOCACIONADO PARA FESTAS DE CASAMENTO AGUARDA QUE TODOS OS QUE NOS CONHECEM NOS PERMITAM FAZER DOS SEUS CASAMENTOS MOMENTOS QUE JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS.

VENHA VER PARA CRER

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

ALTAR DO SENHOR DA AGONIA (OU DOS AFLITOS)

SINOS — O *SINO GRANDE* foi comprado a 17 de Dezembro de 1732 ao Mestre sineiro de Braga, Agostinho Ferreira da Rocha. Ficaria na Torre durante um ano em experiência, por conta e risco do vendedor e, se não servisse, seria devolvido. Com o peso de 35 arrobas menos um arratel (522 quilogramas), foi colocado na torre a 9 de Fevereiro de 1933. Custou 272.300 reis, a que acresceu 15.885 reis das ferragens, 3.240 reis dos baneais e 3.240 reis do badalo.

Acabaram o seu pagamento em 24 de Abril de 1738.

SINO PEQUENO — O sino mais pequeno foi comprado na gerência de 1828/1829, sendo Juiz João dos Santos Cardoso, da cidade do Porto, que contribuiu com 70.000 reis.

SINO MÉDIO — Na gerência de 1738/1739, sendo Juiz Francisco Leite Graça Pereira, secretário o Rev.º Dr. Don Pascual Monteiro, procurador o Rev.º António da Silva e tesoureiro Francisco da Silva, foi adquirido ao sineiro Agostinho Ferreira da Rocha, da cidade de Braga, um sino que o peso de 200 quilogramas, pesando os baneais e ferragens 67 quilogramas. Custou 166.790 reis. Deram em desconto um sino velho avaliado em 18.900 reis, que pesava 45 quilogramas.

GUARDA-VENTO — O local é muito batido pelo vento, pelo que a Mesa mandou fazer uma planta para um guarda-vento, para a porta principal. Custou 3.600 reis.

EM 15-3-1795 fizeram contrato com o Mestre Carpinteiro de Landim, José António Monteiro, para construir este guarda-vento. Chegaram a entregar-lhe 50.000 reis para madeiras, mas que foram devolvidas, pois o carpinteiro não deu início à obra, (talvez por a ter contratado só por 100.000 reis).

Acabou por ser construído pelo carpinteiro de Vila Cova João José do Vale que, depois de ter recebido 31.847 reis parou a obra, só a concluindo na gerência de 1798/1799. Importou em 211.107 reis.

Construído em madeira de castanho a base, devido à humidade e às cheias, apodreceu, pelo que foi substituída em 1952 por outra em cimento, sendo envernizado, de forma a condizer com os gradeamentos do interior da igreja.

SANEFAS — Quatro foram adquiridas na gerência 1774/1776. São em talha dourada. Custaram 76.600 reis.

A sanefa do arco cruzeiro foi colocada em 1789, importando em 110.000 reis.

SACRÁRIO - SANTÍSSIMO — Na gerência de 1770/1773, sendo juiz o Cónego Doutor Desembargador Francisco José Vilas Boas adquiriram um sacrário novo. O Santíssimo Sacramento foi instituído na Capela em 1734, por ordem do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles.

O Sacrário foi colocado no altar-mor, sendo mudado para o altar da Senhora das Angústias na gerência de 1815/1816. Voltou para o altar-mor em 1953.

O sacrário actual foi pago pelo Senhor Amândio de Oliveira Teixeira em 1948.

AZULEJOS — Todo o azulejo da capela-mor foi oferta de Manuel Pinto de Amorim Campos, incluindo o custo da sua colocação.

INSTALAÇÃO ELÉCTRICA — Foi mandada instalar pelo Juiz da Irmandade Amândio de Oliveira Teixeira, à sua custa, em 1945.

Foi ampliada e remodelada em 1951, com custeamento feito por Avelino Pires Carneiro. Colocaram então duas lâmpadas fluo-

centes na capela-mor, três no camarim, lâmpadas eléctricas no candelabro, nos altares, na cruz da fachada, etc.

Recentemente foram colocados três lindos candelabros.

PISO - SEPULTURAS — Existiam na capela-mor e no corpo da igreja do Bom Jesus várias sepulturas e creio que também no seu adro, como era normal, no passado.

O piso era todo em granito, condizendo assim com a pesada abóbada de pedra. Estava devidamente compartimentado em sepulturas.

A sepultura mais antiga (na antiga ermida) datava de 1626 e era, como já vimos, de Paulo Carneiro de Figueiredo e seus herdeiros.

A mesa de 1750 mandou fazer repartimentos das sepulturas com ladrilhos de granito, pelo mestre pedreiro Francisco Ferreira, no que dispenderam 150.000 reis. Nesse ano reformaram o lageado da capela-mor e os degraus dos altares laterais.

As sepulturas foram reformadas em 1804.

A 23 de Fevereiro de 1874 o Administrador do Concelho, José da S. Lopes Cardoso

proibiu os enterramentos na igreja do Bom Jesus por, nos termos da lei, ser o cemitério paroquial, que já fora inaugurado, o único local onde, de futuro, se poderiam fazer enterramentos.

Nesta igreja foi sepultado o Reverendo Dr. Don Pascoal Fernandes Monteiro, que foi Juiz da Irmandade em 1723/1724, 1728/1731, secretário na gerência de 1732/1733. Orientou as obras de modificação da sacristia em 1736/1737, sendo secretário em 1738/1739. Faleceu em 1742.

Era pessoa muito estimada em Fão e a ele confiaram as esmolas para as obras, como fiel depositário, vários devotos.

O facto de ser Doutor e ser tratado por Don, leva-me a crer que seria Cónego ou teria sido nobre.

Outro sacerdote que aqui também deve estar sepultado é o Padre Manuel Leite Mariz, Juiz da Irmandade em 1744/45, 1760/61 e 1768/69, tendo servido várias vezes como secretário entre 1733 e 1772, tendo trabalhado dedicadamente para a construção da capela. Também deve ter servido a Misericórdia, onde há um documento por ele assinado, denominado «Apontamentos para a obra da Torre da igreja da Misericórdia».

Foi pároco encomendado de Fão em 1750.

Faleceu em 1772, quando era secretário da irmandade.

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE FÃO NOS CONFINES DO SÉC. XIX

Compilado por José Maria Machado do Vale

«VISITA DE D. ANTÓNIO BARROSO, BISPO DE MILIAPÓ, AO EX.MO SNR. DOUTOR MANOEL PAES» (16 de Setembro de 1897)

«Adperpetuum rei memoriam (1).

Não ha nem mesmo conhecimento tradicional que a esta terra, a despeito de sua antiguidade, tenha vindo algum Bispo.

Por tal motivo foi notavel o facto de vir aqui em visita ao Ex.mo Senhor Dr. Manoel Paes, a banhos n'esta praia, o Ex.mop e R.mo Snr. Bispo de Miliapós D. Antonio de Sousa Barroso, nascido d'humildes lavradores, na freguezia de Remelhe, Concelho de Barcellos, onde elle se achava.

Visitou a Igreja Matriz, de que gostou, onde admirou, particularmente a Imagem do S. S. Coração de Jesus e outros objectos. Deixou

amavelmente a beijar o anel a 500 ou 600 pessoas que de pronto se reuniram apesar de ser dia de trabalho, o que também fez pelas ruas do trânsito.

Egualmente visitou a Capella do Bom Jesus a que chamou bom templo, onde tambem deu a beijar o anel a quel se abeirou d'elle.

Depois foi em carro descoberto, na companhia do parcho Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Vianna, aver a praia de que gostava muito, como em geral de toda a freguezia.

Prometteu ao R.da Prior voltar aqui na volta da India dar o Chrisma, se o mesmo Prior lo convidasse. Este notavel facto teve logar no dia 16 de Setembro de 1897, dia em que (notavel coincidencia) fazia onze annos, que esta freguezia, sendo então Ministro da Guerra viera de Apulia, onde se achava em banhos o Ex.mo Visconde de S. Januário, que se dignou descançar e tomar um copo d'agoa no pequeno chalet do R.do Prior, que desde então se ficou chamando — Visconde de S. Januário — onde se iniciou o seguimento da ponte, que pouco depois se com sumou, e que é concerteza o primeiro melhoramento — melhoramento vital d'esta localidade e mais terras do alto Minho. Fica aqui esta narrativa sumaria para em todo o tempo se saber. S. Paio de Fão 20 de Setembro de 1897».

São Paio de Fão, 17 de Março de 1994.

NOTAS:

- (1) Interpretação original.
- (2) Livro das actias da Junta de Parochia de Fão» fd.º 84v e 85r. (1894-1898).
- (3) Retranscrito e interpretado por José Maria Machado do Vale.



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos no 3.º período escolar. Como o tempo passou depressa! Oxalá que estes últimos meses de trabalho produzam fruto e os resultados vos sejam favoráveis. Vamos lá a trabalhar?

A GAIVOTA

(Conclusão)

Por ALTAMIRO MARQUES

O papá do Xana e da Joaninha observou a asa ferida da gaivota e verificou que, felizmente, os ossos não estavam partidos. Durante umas largas semanas a gaivota passou a pertencer à família e o Xana chegou mesmo a pescar bogas e barbos, no rio, para lhe dar de comer. O tempo foi passando e a gaivota deixou de ter medo dos manos, principiando a sair do galinheiro e a andar, toda pimpona, no jardim e no eirado, à procura de bichinhos para comer. A asa estava quase curada e o papá daqueles meninos ficou todo indignado, porque um vizinho se ofereceu para cortar as «penas mestras» das asas da gaivota, para ela jamais poder voar.

A certa altura, já com as forças recuperadas, a gaivota foi ensaiando pequenos vôos. Ia para um sítio alto e, zás! Batia as asas e planava uns metros, perante a alegria dos manos. Passaram-se mais uns dias e a gaivota sentiu que finalmente já podia reconquistar a liberdade. Lançou-se então do cimo de uma escadaria e, ajudada pelo vento norte, subiu subiu e desapareceu em direcção ao mar.

O Xana e a Joaninha ficaram tristes e radiantes. Tristes, porque tinham perdido uma amiga; radiantes, porque a gaivota foi certamente ter com as suas companheiras e viver feliz. O papá também ficou muito contente e explicou que, além de não devermos fazer mal aos animais selvagens, também temos a obrigação de não ser egoístas, mantendo-os no cativeiro.

Nessa noite e muito embora tivessem perdido uma amiga, os manos adormeceram felizes e ambos sonharam com a gaivota, brincando algures, à beira-mar, com as companheiras. E sonharam que também um dia chegará, em que os homens e as crianças passarão todos a respeitar os animais, que têm tanto direito de viver como nós próprios...



PAUSA PARA SORRIR

Os ingleses têm a fama de serem muito calmos, muito fleumáticos. Num dia de muita chuva, um inglês seguia num comboio, junto da janela aberta.

A chuva entrava e ele já levava o casaco todo molhado. Numa estação, entrou uma senhora que se foi sentar no lugar vago, ao lado dele. Embora a chuva não caísse directamente na senhora, a verdade é que a salpicava.

A senhora voltou-se para o senhor inglês, e pediu delicadamente:

— «Por favor, não se importa de fechar a janela?»

O inglês nem se mexeu. Limitou-se a responder laconicamente:

— «Tanto faz.»

Um cavalheiro que ia próximo, veio defender a senhora e disse ao inglês:

— «O senhor não ouviu o que esta senhora pediu? Ora faça favor de fechar a janela imediatamente!»

O inglês, imperturbável, limitou-se a repetir:

— «Tanto faz.»

— «Ai é?» — exclama o homem furioso. «Vou já chamar o revisor.»

E assim fez. O revisor veio e, posto ao corrente do que se passava, disse ao inglês:

— «O senhor faz favor de se levantar para eu fechar a janela.»

O inglês levantou-se, encolhendo os ombros e repetindo:

— «Tanto faz.»

O revisor puxa para cima a janela, que estava encaixada nas respectivas calhas, ao nível do assento, e então verificou que o inglês tinha razão: Na verdade, tanto fazia correr ou não a janela, pois ela estava sem vidro!

MELODIA VITAL

*A vida passa como uma melodia.
Mas que nem sempre é ouvida,
Pois não temos tempo
Para nos interrogarmos sobre
O seu significado,
Pois estamos demasiado ocupados.
Não vejo melhor ocupação
Do que tentar descobrir
Um sentido em algo
Tão omnipresente.
E que é, afinal,
Algo cheio de sentimentos,
Mas que não sentimos em si.
Talvez se não estivéssemos
Tão preocupados em sobreviver
Pudéssemos ocupar mais tempo
A tentar entendê-la.*

*A vida passa como uma melodia.
Tal como a brisa
Que irrompe pelo
Império de Calor do Sol.
É algo de leve e agradável
Que passa na monotonia.
E que acaba ela
Própria por parecer monótona.
Porque não é vivida.
A sua marcha
Por esses caminhos
Do tempo
Não chegará ao seu termo.
A vida é uma fórmula inconcebível
Que resistirá
As agruras do sempre igual,
Do nada em que a tornamos.*


*A vida passa como uma melodia.
Tal qual o canto de um pássaro,
Vai e vem,
E parece fugir-nos,
E volta,
E brinca connosco.
A Natureza observa-a, passiva.
O Criador contempla a sua obra.
Mas não está certo
Se ela lhe agrada ou não.
Por isso a Natureza, que a criou,
Não a entende,
A vida escapou
Das suas mãos.
E quando conseguir
Agarrá-la outra vez,
Ela acabará.*

*A vida passa como uma melodia.
Triste ou alegre,
Mas sempre livre
E existindo
Não se sabe porquê.
Talvez porque o trabalho
Da Natureza ficou incompleto.
O seu trabalho perfeito e tão cuidado
Não foi acabado.
A vida é uma criança.
Não sabe o que faz, não pensa,
Não domina o pensamento,
É imperfeita e bela.
Deixemo-la ser selvagem
E voar, voar sem rumo,
De um corpo para outro,
Só porque lhe apetece.*

*A vida passa como uma melodia.
Aparece e desaparece,
Sem saber como é importante
Para todos os objectos
Com que brinca.
Que somos nós.
Que tentámos dominá-la.
Mas ela brinca com o Sol
Sem se queimar,
Brinca com o Tempo
Sem morrer.
E brinca connosco
Sem se deixar prender.
Quando lhe agarramos uma ponta,
Liberta-se, solta uma gargalhada,
E deixa-nos objectos outra vez,
Perdidos no tempo.*

Marta Mariz Mendes (17 anos)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

impetus 



AgrEvo

Uma companhia da Hoechst e Schering



Juntos com a Natureza na protecção das plantas

Proteger as culturas agrícolas é o nosso objectivo. Queremos também respeitar a Natureza e garantir a qualidade de vida dos Agricultores, numa perspectiva de Produção Integrada das Culturas.

A descoberta de produtos inovadores que satisfaçam estas necessidades requer um vasto leque de conhecimentos. Só empresas sólidas e dispostas de meios humanos, técnicos e científicos altamente qualificados podem enfrentar com

confiança os desafios do Futuro.

A **AgrEvo**, resultante da associação da Hoechst e Schering, duas empresas com fortes tradições e implantação, constitui um dos maiores grupos mundiais nesta área. Com a energia de uma empresa jovem e a experiência centenária dos seus fundadores, a **AgrEvo** assegura aos agricultores de todo o Mundo meios técnicos eficazes, que protegem as suas culturas sem destruir a Natureza.

Hoechst Schering AgrEvo—Produtos para a Agricultura, Lda.

Apartado 6 – 2726 Mem Martins Codex
Telefs.: (01) 921 21 60 / 921 77 23 – Fax: (01) 926 25 77

Filial Porto:

Av. Sidónio Pais, 379 – Apartado 1041 – 4101 Porto Codex
Telefs.: (02) 606 70 51 / 606 31 61 – Fax: (02) 609 05 70

Um amigo na agricultura. AgrEvo.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CAMPEONATO REGIONAL DE FUTEBOL DA 1.ª DIVISÃO DA ASSOCIAÇÃO FUTEBOL DE BRAGA

Série A — Últimos resultados: Fão, 0 - Gondifelos, 0; Avelense, 1 - Fão, 0; Fão, 1 - Apúlia, 0.

FÃO, 1 — APÚLIA, 0

Era grande a expectativa para esta partida, quer dos fangueiros quer dos apulienses, ambas as equipas com uma classificação na tabela geral, muito boa, surpreendente, no que diz respeito ao clube fangueiro, já que os nossos vizinhos prepararam a época a tempo e horas, com um plantel já bem entrosado do ano anterior e vindo buscar a Fão, inclusivé, atletas de boa qualidade.

Os desejos de um jogo e um óptimo resultado aconteceu para os para os visitados, pois realizaram uma primeira parte com um objectivo bem definido, ganhar o jogo e pelo que fizeram nessa 1.ª parte mereceram-no bem, conseguiram esse objectivo através de uma boa exibição com muita genica e algum bom futebol e um golo bonito na transformação de um livre apontado por Manuel Fernandes.

Na segunda parte foi a vez do Apúlia dar um ar da sua graça e para satisfação dos seus adeptos que apareceram em maior que os da casa. Já é normal nos grandes despiques Fão ver o seu campo de jogos mais preenchido pelos forasteiros.

Não estamos a falar de visitantes do Porto ou do Benfica, referimo-nos aos do nosso escalão, já que o Esposende e o Marinhos há muito voaram para outras paragens. Decididamente os fangueiros não estão para futébois e os nossos amigos do movimento clvico fangueiro pela nossa parte estão autorizados a meter a foice em seara alheia porque todos juntos ainda são poucos para na nossa terra acordar aquilo que há muito anda adormeci-

do e então quanto a futebol? A começar pelas camadas juvenis, há quanto tempo as crianças fangueiras iniciam esta modalidade fora de portas, quando há muitos anos, os grandes impulsionadores desta iniciativa foram Esposende primeiro, e depois Fão, e agora? Quase todas as equipas do concelho tem essa virtude, e nós? O empurrão de que o nosso futebol precisa nunca será dado por aqueles que em apenas um ano ou dois querem transformar tudo esquecendo-se do pormenor mais significativo, a iniciação dos jovens para a prática desta actividade desportiva.

Voltemos ao jogos Fão - Apúlia. Os nossos vizinhos bem tentaram com o apoio do seu público dar a volta aos acontecimentos, mas nada conseguiram a não ser equilibrar o andamento da partida, dado que nos primeiros quarenta e cinco minutos a supremacia foi dos donos da casa. Assim, no fim da tarde de sábado, dia grande das festas do Senhor de Fão, os adeptos fangueiros saíram do campo muito mais satisfeitos do que os apulienses, como é óbvio.

Feitas as contas em confronto com as equipas do nosso concelho, Fão seria o campeão pois foi o que obteve melhores resultados, mas o campeonato de Braga ainda não é realizado por Equipas de Esposende por agora. Lá virá o tempo em que isso será possível. Série A da 1.ª Divisão Regional de Braga só com equipas do concelho de Esposende seria bonito e vibrantemente económico.

Quanto aos outros dois jogos, perante o Gondifelos em casa, dominamos os acontecimentos durante toda a partida sem jogarmos bem, digase, e marcamos um golo que foi muito mal anulado pelo árbitro o que deixou os adeptos de Fão muito mal dispostos. O mesmo aconteceu com os poucos que se deslocaram a Avelada (Braga) para apoiar a nossa equipa que perdeu por um a zero, mas pior que a derrota foi a má exibição da equipa de arbitragem. São dos tais jogos em que tem

de se perder e não há argumentos que valham.

São coisa do futebol e não é de nosso interesse vir para aqui dizer mal dos árbitros, se bem (mal) que a nível do futebol maior não se ouça outra coisa que não sejam indignidades. E portanto os pequenos também deviam ter uma palavra a dizer. Ou há moralidade ou comem todos, seria o mais ajustado, mas não, para os pequenos basta-lhes o que de pouco têm que seja bom.

CANOAGEM

I Aferição Nacional de Pista Melres (Rio Douro)

Seniores — K1 - Belmiro Penetra, 200 m, 3.º; 500 m, 2.º; 1000 m, 1.º

C1 - Carlos Vieira, 200 m, 2.º; 500 m, 3.º; 1000 m, 2.º

Juniiores — K1 - José Miguel Pedras, 200 m, 9.º; 500 m, 1.º; 1000 m, 1.º. Pedro Silva, 200 m, 4.º; 500 m, 3.º; 1000 m, 3.º.

C1 - João Filipe Santos, 200 m, 1.º; 500 m, 2.º; 1000 m, 1.º.

Campeonato Nacional de Promessas II - Prado

Infantis — 5000 m, K1 - Mauro Roxo, 2.º; Pedro Coelho, 14.º.

Cadetes — K1 - Luís Coelho, 6.º.

Estágios

O grande campeão do Náutico Fangueiro Belmiro Penetra esteve três semanas no México em preparação para o próximo Campeonato do Mundo desta modalidade que se disputará neste país.

Na Pateira de Fermentelos esteve também em estágio o atleta júnior do nosso clube Pedro Silva.

Em Ponte de Lima esteve em período de preparação João Filipe Santos canofsta júnior na categoria de C1 do Clube Náutico de Fão.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



PARIS

*Sempre na vanguarda
das novidades
Verão/94*



Alta Moda Parisiense ao dispor dos nossos Clientes

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO

RUA DA MISERICÓRDIA, 4-6

• 4700 BRAGA

• ☎ 75777

EM DATA DE ANIVERSARIO:

A Imprensa fangeira dos últimos 90 anos

«Somos mais um jornal que aparece em Fão. O 9.º pela ordem cronológica se os nossos ficheiros não erram. O primeiro a aparecer foi o «Fãoense» e o último, o «Fangueiro».

«É de todos sabido que os jornais em Fão têm soçobrado por falta de meios, o que leva a concluir que se torna difícil ser o jornal em terra pequena...», assim se expressou o Dr. Armando Saraiva quando fez o lançamento de «O Novo Fangueiro», a 10 de Maio de 1984. São passados 10 anos de lutas: pela sobrevivência, pelo combate das coisas de Fão e das suas gentes.

De facto, «ser jornal em terra pequena» tem muito que se lhe diga: leva à inveja e arrogância; à costumeira, má língua e ao mal dizer; às habituais dificuldades de apoios e de colaboração sincera; à natural apetência de subida ao poder. E tudo acontece quando a vocação está longe de corresponder ao perfil do jornalista autêntico. Não serão estes porém, os pecados que pretendemos recordar! Antes, a imprensa de Fão, ao longo dos últimos noventa anos, depois de rebuscados os apontamentos que serviram de base a palestras radiofónicas, bruscamente interrompidas.

Presentemente, o jornal mais antigo a sul do concelho de Esposende é «O Novo Fangueiro». Aliás, a sua história será compilada pelos vindouros e, certamente, ajuizado e analisado o seu percurso ao longo dos tempos. Comparativamente, vamos enumerar os antecessores, qual deles o mais e o menos bom e duradouro, eficaz na missão de informar, muito claramente, com independência e fiabilidade, condimentos muito difíceis de se conseguir.

«O Novo Fangueiro» quando nasceu, trazido pela mão do Dr. Armando Saraiva, Arq.º Pádua Ramos, Dr. José Augusto Madureira e o pai, José Alfredo Madureira, D. Zita Ferreira Saraiva e o José Luís Ribeiro, manifestaram a melhor das intenções e o propósito de informar com pedagogia. Também, captar a colónia fangeira além fronteiras. e, quanto a este último, bem conseguido.

O Concelho de Esposende continua carecido de informação clara, impessoal, independente, a par de discussão de temas que o lance em projectos válidos, realistas e de interesse comum (apartidários). Daqui resulta, obviamente, o invocar do passado, para se apreciar o presente.

Em Fão publicaram-se oito jornais de vida curta, sem objectivos definidos, nem apoios, economicamente débeis. Dispostos, só e apenas, a alterar políticas, combater excessos de poder e a travar lutas estéreis. Daí, a vida atormentada pelas dissidências, a vida curta. Sucumbiram ao peso dos condicionais da época. Por isso, dos oito anteriores, recordamos, em sínteses:

«O Fãoense» o primeiro da série nasceu a 17 de Novembro de 1906, com redacção e administração na rua da Nogueira, Esposende, traseiras da Tipografia Vieira. Teve 18 meses de vida; seguiu-se «O Farol Fãoense» que se anunciou imparcial, independente, literário e noticioso. Teve 15 meses de vida; «O Farolim» acendeu o pavio, deu-lhe o mórão e apagou-se à nascença; o «Novo Porto» foi o bacamarte do Padre Chaves, para defesa do porto de abrigo nos «Cavalos de Fam», a alternativa ao porto de Leixões e o mais económico para a Nação. Teve 11 meses de vida, tendo perdido «a guerra» que sustentou para o bem de Fão; «O Grulha», dirigido por Cân-

dido Nunes Vinhas, resistiu durante 20 meses, sucedendo-lhe o «Notícias de Fão» dirigido pelo conhecido comerciante da rua da Igreja, Emílio Fernandes, mantendo-se cerca de quatro anos embora com muitas interrupções; «Ecos da Beira-Mar» de que foi Director o Padre Avelino P. Borda, durou 10 meses; «O Fangueiro», adoptou como princípio orientador: «Pela Lei e pela Grei»; e deixou de se publicar em Julho de 1962, depois de 89 números, correspondentes a quatro anos e três meses de vida, tendo como Director o escultor António Carlos Esteves. Cabe-nos recordar a «Página de Fão», da iniciativa do

Prof. Mário Ramiro, anexa ao semanário «O Cávado», extinta pela transferência, em 1972, para a cidade de Braga.

«O Novo Fangueiro», mensário e com publicação regular, completa 10 anos de existência, economicamente saudável, está para durar e nunca mudou de Director o que representa uma grande virtude. Mas, os outros, como disse Esops, são «os perversos convencidos de que fazem bem quando não fazem o mal». Mas, nestas coisas, prefiro a opinião de Victor Hugo, e que dá mais gozo, que é: «Deixo de ter inimigos quando estes são uns infelizes».

Parabéns pelos dez anos de publicação de «O novo Fangueiro», extensivos à fiel equipa que lhe dá visa.

ARTUR L. COSTA

PONTE DE FÃO AMPUTADA NA ESTRUTURA

— Trânsito interrompido

Por A. L. COSTA

Decorrem operações de recuperação da centenária ponte de Fão, na travessia do rio Cávado, obra prima de Eiffel, amputada na viga de suporte, lado norte, que abateu 25 centímetros de que resultou a imediata interrupção do trânsito na EN. 13, nos dois sentidos, que afectou o troço entre Póvoa-Esposende-Viana. Provocou, também, o isolamento entre o norte e o sul do concelho de Esposende, com acentuado inconveniente para alunos das Escolas, aproximação de doentes destinado ao Hospital de Fão, deslocação de trabalhadores, trocas comerciais, entre outros motivos.

espanhol e por ter empenado a estrutura da ponte. Porém, ao fazer-se tal amputação, retirou-se o apoio à estrutura.

Alertadas as autoridades para o desnível do piso e do tabuleiro da ponte, entre outras consequências graves, o tráfego foi interrompido. E a barafunda e a confusão gerada provocou o estrangulamento das vias alternativas. Entretanto, JAE e Direcção de Pontes, iniciam obras de recuperação e consolidação do viga de suporte do tabuleiro.

Dado que o trânsito local e as ligações en-



Tudo começou aqui

No dia 21 de Abril passado, uma brigada de trabalhadores, com maçaricos, procedeu ao corte de suporte do tabuleiro da ponte, junto ao pegão norte, tendo como consequência imediata, o abatimento do piso e do tabuleiro, incidente que provocou a imediata interrupção do trânsito. A travessia do rio Cávado foi prejudicada neste troço da EN.13, sendo desviado para a ponte de Barcelinhos (Barcelos) que alongou o percurso entre Esposende e Fão, em cerca de 30 quilómetros.

Informações recolhidas no local, disseram que a brigada de trabalhadores que provocou o sarilho, tinha como função solucionar os graves efeitos do acidente provocado por TIR

tre as zonas sul e norte do concelho de Esposende criaram dificuldades às populações, foi aberto ao trânsito a nova ponte (inacabada) a montante da actual, a fim de fluir o tráfego de ligeiros, com as necessárias adaptações dos acessos. Todavia soube-se, as rádios locais de Esposende, Barcelos, Viana e de Póvoa de Varzim alertaram para esta alternativa. Tanto bastou para se iniciar o trânsito de viaturas pesadas. Em tais condições, o benefício durou 48 horas, obrigando ao encerramento desta via alternativa. A ponte não oferecia as melhores condições de segurança para os pesados. Evidente o prejuízo das populações em redor, do concelho de Esposende.

Estes acontecimentos trouxeram algumas reflexões e o aviso sério às rádios que, nem sempre é oportuno lançar novidades, sem antes se conhecerem os inconvenientes de tanto zelo. As populações foram afectadas. Mas há mais: a ponte de Fão, classificada de monumento nacional por decreto do Governo 1/86, publicado no D.R., em 3 de Janeiro de 1986, foi escandalosamente amputada na sua estrutura de base e na sua configuração; o Concelho de Esposende, em situações futuras, será logo afectado por falta de alternativas que facultem relações entre as populações e a saída para o exterior; a nova ponte, a montante, ainda por concluir desde há dois anos,

nem para emergências teve préstimo, nem permitiu a solução ideal às populações residentes; deu uma panorâmica do valor geo-estratégica do Concelho de Esposende na orla litoral, entre Vigo e Porto; e qual a intensidade de tráfego, dificuldades de fluidez; os inconvenientes do tráfego de viaturas pesadas — alta tonelagem — a complicar toda a estrutura nas vias existentes, sem alternativas.

O alerta já fora dado, em tempos. O susto vem demonstrar que as vias de comunicação para servir Esposende são insuficientes; o estrangulamento do trânsito na ponte de Fão é um facto evidente e que, agora, ninguém pode ignorar.

CONSTRUÇÃO DE MARINAS DE APOIO TURÍSTICO

O Secretário de Estado do Turismo deu conhecimento público, em devido tempo, da viragem sobre os meios a incluir na lista dos atractivos turísticos na orla marítima, como é o caso do apoio náutico. Para Esposende, esta, é a grande aposta e a oportunidade de se melhorar a rentabilidade da prática desportiva náutica, para fomentar, também, a procura desta região minhota.

Canoagem, remo, vela, surf, windsurf, motos de água, hovercraft, são actividades já consagradas no rio Cávado, logo, o Município de Esposende negociou com êxito, a construção de marinas na sua margem direita, assinando um protocolo, em cerimónia pública efectuada em 17 de Outubro de 1993. É o sonho de 180 anos com as realidades do presente.

Passados estes tempos, o presidente da Câmara anunciou a 17 de Março de 1994 que a obra das marinas fora adjudicada à empresa Irmãos Cavaco, de parceria com Monte & Monte. Entretanto, o semanário «O Independente», de 8 de Março passado, em notícia sobre a construção de marinas ao longo da costa portuguesa, relativamente a Esposende, informa da construção em curso, das marinas com 100 pontos de atracação, de 600 mil contos de custos e obra em curso. Ora, à data deste apontamento, nem vestígios de obras, nem do respectivo estaleiro.

Consultados os arquivos, de facto, no protocolo assinado para a construção das marinas estão previstos 780 mil contos destinados a custear o fundeadouro de barcos de pesca, a sul do antigo estaleiro; a marina de barcos de recreio, a norte do edifício dos Socorros

a Naufragos, com aproveitamento do espaço da antiga doca; construção de apoios e o Clube Náutico de Esposende, para a prática de vela, remo e canoagem.

A regularização da barra do Cávado, problema secular de Esposende, assoreada pelos temporais do inverno passado, (conforme documento a foto) faz parte das obrigações constantes no protocolo assinado entre o Ministério do Mar, e o Município de Esposende, em Outubro de 1993. Será de referir, ainda, que o assoreamento do rio, desde a foz à ponte de Fão, implicará a dragagem deste troço fluvial de modo a facilitar a navegação dos barcos de pesca e de recreio, de calado compatível pois, de contrário, «ora bolas, marinas» do rio Cávado, sabendo-se da planura do leito, e cinco barragens, a reter as águas.

A.L. COSTA

RUGAS

*Das rugas do rosto não tenhas horror,
Quando o crepúsculo da vida vier...
Ah! Quantas vezes, um lindo sol-pôr
Causa inveja a lindo sol-nascer.*

*Não fiques triste se nos teus cabelos
A neve branca o vier branquear!
Quantas vezes, dias de sol belos,
Fazem inveja a noites de luar.*

*Deixa que digam: já não é bonita;
Tu bem o sabes! Estás a envelhecer...
Até a criança que no ventre habita
Fica mais velha, após o nascer.*

*Se a solidão for de enlouquecer,
Abandonada de quem foste amigo;
Ah! Coração não te deixes abater,
Ainda te resta da vida o saber...*

...E satisfação do dever cumprido.

ZAIDA

MEMÓRIAS DE ABRIL/74

Celebrado o 20.º ano da Revolução dos Cravos

Esposende e o seu Concelho, na passagem do 20.º ano do movimento militar de 25 de Abril de 1974, assinalou o acontecimento com actos públicos a que se associaram os partidos políticos, com representação na Assembleia Municipal.

De manhã, alvorada com foguetes a recordar a data em que os portugueses mudaram o regime político, seguindo-se o hastear das Bandeiras junto ao Município, com a Banda dos B.V. Esposende (Antas) a executar o hino nacional.

A data veio a ser recordada ainda com o descerramento da lápide que atribui o nome «25 de Abril» ao arruamento de Esposende junto ao Quartel dos Bombeiros Voluntários. E, nesta manhã de 25 de Abril de 1994, decorridos vinte anos do Movimento do MFA, na Biblioteca Municipal, realizou-se a sessão solene comemorativa deste facto histórico, tendo usado da palavra: Dr. Manuel Igreja Beirão, vereador, em representação do Partido Socialista e proponente da celebração do acontecimento; Dr. Cubelo Soares, vereador em representação do Partido do Centro Democrático Social, Partido Popular; Dr. Peixoto Maranhão, deputado na Assembleia Municipal, em representação do Partido Social Democrata e, a finalizar, o eng. António Ribeiro, Presidente da Mesa da Assembleia Municipal.

Presentes à cerimónia, o Dr. Tito Evangelista e Sá, em representação da Câmara Municipal, autarcas e deputados à Assembleia Municipal, autoridades, civis e entidades locais.

Alberto Figueiredo, presidente da Câmara Municipal de Esposende, esteve na Assembleia da República, em representação do Município, para receber o diploma da Cidade, cerimónia nacional integrada nas comemorações do 25 de Abril/74.

FALECIMENTO

D. MARIA GUALDINA SILVA

Devido a doença, em 21 de Abril passado, faleceu de Esposende de onde era natural, Maria Gualdina Silva, 84 anos, viúva do conhecido industrial de confecções, João Silva.

A veneranda senhora era mãe de João Baptista da Silva, industrial de confecções; do Dr. Juvenal Silva, médico de senhoras; de Dr. José Gualdino da Silva, médico de crianças e de D. Maria Helena Silva Campos. Tinha 13 netos, entre médicos, professores e industriais; oito bisnetos. Gozava de imensas simpatias no meio esposendense, pelo que o seu passamento causou natural consternação.

Depois de exposta em câmara ardente na igreja Maytriz, o funeral da saudosa senhora, depois de celebrada missa de corpo presente, realizou-se com bastante acompanhamento, para o cemitério municipal, com representação de várias Corporações de Bombeiros da área de Braga, de entidades civis e autarcas, deste concelho de Esposende.

Aos familiares, em especial aos filhos, os sentimentos de muito pesar pelo infausto acontecimento.



A barra do Cávado assoreada

MOVIMENTO CÍVICO FANGUEIRO

BOLETIM INFORMATIVO — N.º 2
ABRIL 1994

EDITORIAL

Voltamos ao contacto dos nossos leitores para mais uma vez darmos conta das preocupações e satisfações neste mês de Abril de 1994.

Assim sendo e porque o tempo urge para que as notícias cheguem a todos os fangueiros, as novidades aqui ficam para deleite dos que nos lêem com atenção e dos outros que sempre passam os olhos por cima dos nossos escritos e por estranho que pareça retêm as partes mais significativas o que demonstra que não somos insensíveis e muito menos ignorados.

Nascermos para servir Fão e esse intuito acompanhar-nos-á ao longo dos tempos.

Saberemos ser mordazes, críticos ou complacentes para todos os que de uma maneira ou de outra servem a população.

O que for bem feito merecerá sempre o nosso aplauso. O que, por outro lado for negativo merecerá também o devido destaque.

Não pretendemos com isto dizer que somos só nós os melhores. Longe de nós esse pensamento. Sabemos quanto valem, somos humildes o suficiente para aceitar de bom grado as críticas que nos forem apontando, corrigindo o que estiver mal e fazendo força para fazer cada vez melhor. De uma coisa não seremos acusados: o de querer louros por trabalhar por Fão e para Fão. Esse é e sempre será o rumo que levaremos.

Quem estiver com este movimento cívico estará com Fão. Todos serão bem-vindos.

Vale a pena tentar.

Todos juntos nunca seremos muitos para ajudar a elevar Fão ao lugar que merece.

Venham ver e participem.

A propósito de:

As críticas que aqui fizemos sobre a marcação da Assembleia de Freguesia mereceram do sr. Presidente da mesma alguns reparos que não no seu a propósito, mas sim em algumas inexactidões que da nossa parte foram devidamente assumidas.

Assumimos, sim senhor, que desconhecíamos que todas as Assembleias de Freguesia eram públicas e confirmamos o teor da nossa notícia acerca da promessa efectivamente feita e confirmada de que seria em Janeiro marcada a 1.ª reunião da Assembleia de Freguesia. Não foi possível efectuá-la em virtude de as contas referentes ao exercício de 1993 não estarem prontas a tempo. Explicações prestadas pelo senhor presidente da Assembleia de Freguesia o que muito apreciamos.

Queremos com isto apenas tornar claro que as nossas intenções nunca foram as de tentar denegrir imagens mas sim relatar factos de que fomos testemunhas. Nunca usare-

mos este espaço que nos é concedido para promoções, mas sim para informar com verdade e quem estiver contra nós nesse aspecto, não estará do lado da verdade e da razão pelo que deverá rever os seus conceitos de justiça.

Vem isto a propósito do que se passou na Assembleia de Freguesia no passado dia 29 de Abril de 1994.

Efectivamente nesta reunião de fangueiros o ambiente que ali se viveu vem de encontro totalmente aos nossos ideais.

Verificamos que contra aquilo que se dizia, em Fão não existem revalidades políticas saloias. Antes, e que bonito foi ver, fomos confrontados com a seriedade de propósitos de bem servir Fão sem olhar a credos políticos demagogos, e para nosso espanto, de verdade, esta assembleia quer mais que tudo, fazer de Fão uma terra de que valha a pena viver. Bem hajam todos por este propósito.

Juramos por nós que este sentimento que observamos nunca será traído. Todos aqueles que a partir de agora se desviem deste rumo terão de se ver com o nosso movimento e com a população. Estamos certos disso.

Não querendo ser demasiado críticos para quem tem o direito de informar a população, estranhámos duas coisas que passaremos a citar:

1) A falta de assistência a esta assembleia que nos deixou tão tristes, por vermos que a população, depois de entregar os destinos da freguesia aos seus eleitos, não mais quer saber de como as coisas se passam.

2) A falta do jornal «O Novo Fangeiro» e outros correspondentes de jornais concelhios, fizeram com que pensássemos que afinal estas reuniões não têm a importância que deveriam ter, pelo menos na nossa óptica.

Em virtude dos factos acima referidos, e embora essa não seja a nossa motivação, daremos conta do que nesta assembleia de mais importante se tratou.

* Aprovado sem contestação o novo regimento de funcionamento da Assembleia de Freguesia, foi apresentado o plano de actividades e orçamento da junta de freguesia para o ano corrente do qual espigamos alguns pontos de mais interesse:

Início imediato da construção do almejado «Pavilhão Gimnodesportivo» o que só nos veio dar razão por estar tão atrasado. Recebeu a assembleia a confirmação do despoletamento das verbas correspondentes para que desta vez não falhe. E não vai falhar estamos seguros pois a sinceridade com que foi apresentado não deixa dúvidas quanto ao seu efectivo arranque. Estaremos atentos como prometemos.

Início da construção da segunda fase, de mais 30 habitações sociais para o mês de Outubro deste ano, situadas no mesmo espaço das já entregues. Força é o todos desejámos pois Fão está carenciado destas realizações.

Continuação do arranjo urbanístico dos

largos e vielas da vila e candidatura aos apoios comunitários do arranjo de toda a zona marginal entre a ponte e o caldeirão, velho anseio dos fangueiros. Já agora e porque nos vamos candidatar a verbas comunitárias porque não pensar num projecto que embora mais ambicioso e ousado nos daria grande alegria: arranjo de toda a marginal desde a restrição até ao caldeirão. Não é utopia. Pensem bem que marginal tão bonita. Projecto em condições, e de certeza que as verbas aparecerão.

Senão vejamos: do lado de lá do rio verifica-se a modernização e o arranjo da marginal, com o início da construção das piscinas municipais e a marina de Esposende. Porque não ter a outra margem do rio ao mesmo nível?

Para finalizar e começando pelo início desta Assembleia no período de antes da ordem do dia, foi constituída uma comissão para tratar de assuntos relativos ao turismo que queremos para Fão, e ainda foram designados os elementos que farão parte da próxima direcção da Anafre.

Em ambos os casos, por unanimidade, foram escolhidas pessoas dos diversos quadrantes políticos com assento nesta Assembleia, o que por si só demonstra a vontade de conciliação entre todos os que pretendem servir Fão. Assim continue esta vontade para trabalhar em conjunto.

Festas de Fão

Agradecimento a todas as senhoras e meninas, pois então, pelo desempenho demonstrado nas Festas deste ano. Deu muito trabalho, estamos certos disso, mas foi bonito de se ver.

Apenas um reparo: para o próximo ano não aceitem tantas diversões pois não há carteira que aguente. Que o digam todos os pais que nos estão a ler.

Foi apenas uma graça para dar vontade de continuar.

Iniciativas

Fomos injustamente criticados por querermos ajudar só quando para isso fôssemos chamados. Ora, é nosso propósito desde o primeiro dia, levar a cabo iniciativas abertas a todos, e da nossa responsabilidade. Passaremos a enumerar algumas:

- 1 — Passeio a Madrid.
- 2 — Festa nos Santos Populares.
- 3 — Festa de Verão.
- 4 — Passeio à Serra da Estrela.
- 5 — Grande Noite de Gala «Anos 60» com Baile a condizer.

Oportunamente daremos a comhecer detalhes do que acima referimos, assim como de outras que nos bailam na cabeça e para as quais também pediremos ajudas.

Por hoje não queremos maçá-los mais na certeza de que fomos lidos com atenção.

Fão merece essa atenção.

A Comissão Coordenadora
do Movimento Cívico Fangeiro

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que, por deliberação do Executivo de 31 de Março último, foram aprovadas as normas para concessão de espaços destinados à venda ambulante de gelados durante a época balnear, que decorrerá de 1 de Junho a 30 de Setembro, e cuja HASTA PÚBLICA se realizará no próximo dia 28 do corrente, pelas 15.00 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal.

Os locais de colocação de quiosques são os seguintes: Praia da Foz do Neiva (Antas), Praia de Belinho (Belinho), Praia de Mar (Mar), Praia de Rio de Moinhos (Marinhas), Avenida dos Banhos (Marinhas), Outeiro de Baixo (Marinhas), Praia de Suave Mar (Marinhas), Praça das Lampreias (Marinhas), Avenida Marginal (Esposende), Praia de Ofir (Fão), Parque de Estacionamento de Ofir (Fão), Lugar da Bonança (Fão), Lugar dos Lírios (Fão), Lugar de Cedovém (Apúlia) e Praia da Couve (Apúlia).

A concessão dos espaços, de acordo com as normas aprovadas, obedecerá às seguintes condições:

1. O direito de ocupação dos lugares, a arrematar, é concedido anualmente e podem concorrer todas as pessoas singulares e colectivas legalmente autorizadas a exercer a referida actividade comercial;

2. O preço base para cada espaço a arrematar é de 30.000\$00, não podendo os lances ser inferiores a 1.000\$00;

3. A adjudicação do direito de ocupação, que caducará sempre em 30 de Setembro de cada ano, será feita pelo maior lance oferecido, acima da base de licitação referida, e após homologação do Executivo Municipal, devendo os adjudicatários liquidar no acto da praça e na Tesouraria Municipal, o valor da arrematação, para além da obrigatoriedade de proceder ao pagamento de 6% de imposto de Selo, na Repartição de Finanças do Concelho de Esposende;

4. Os adjudicatários dos espaços ficam, ainda, obrigados ao pagamento da taxa de ocupação mensal na Tesouraria da Câmara Municipal, até ao dia 10 de cada mês a que respeita, ou a satisfazer essa importância, conjuntamente, e relativamente aos meses do período balnear;

5. O exercício da venda de gelados obedecerá às disposições contidas no regulamento em vigor para a venda ambulante e os concessionários dos espaços devem solicitar à Câmara Municipal autorização escrita para instalação dos postos de venda, mediante requerimento escrito e planta (ou fotografia).

Os interessados poderão consultar o processo durante o horário normal de expediente, de segunda a sexta-feira, na Secção Administrativa, Taxas, Licenças e arquivo, da divisão Administrativa e Financeira desta Câmara Municipal e obter os esclarecimentos que, eventualmente, pretendam.

Para constar e devidos efeitos, se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu (nome ilegível), Chefe de Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal, redigi e subscrevi o presente edital.

Esposende e Paços do Município, 5 de abril de 1994.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

«DIAS FERREIRA & COMPANHIA, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00037 — N.º de Identificação de pessoa colectiva 500 523 380 — N.º de Inscrição 3 — N.º e data da apresentação 10 - 94/04/08

MÁRIO NEIVA LOSA, 1.º Ajudante, CERTIFICA que foi aumentado o capital social da sociedade em epígrafe de 4.000.000\$00, com o reforço de 2.000.000\$00 em dinheiro, tendo em consequência sido alterado o artigo 3.º do respectivo contrato o qual passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado, é de SEIS MILHÕES DE ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de três milhões de escudos cada uma e pertencendo uma a cada um dos sócios João António Marques Alves e Maria de Lurdes Veloso Soares da Costa Alves.

O TEXTO COMPLETO DO CONTRATO NA SUA REDACÇÃO ACTUALIZADA, FICOU DEPOSITADO NA PASTA RESPECTIVA.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 28 de Abril de 1994.

O 1.º Ajudante,

a) *Mário Neiva Losa*

PAGARAM A ASSINATURA

1990-91-92-93-94 — Dr. José Manuel Borda Rodrigues, Porto, 5.000\$00. 1992 — Ernestino Magalhães do Vale, Fão, 750\$00. 1992-93 — Álvaro Fernando Ermida Vinha, Fonte Boa, 2000\$00. 1992-93-94 — Rafael Maciel de Oliveira, Gaia, 2.250\$00. 1993 — Menino João Filipe Costa dos Santos, Palmeira, 1000\$00; D. Maria Georgina Brito Lacerda, Fão, 750\$00; António Teixeira Dias, Fão, 750\$00; Mário dos Santos Ferreira, Fão, 1000\$00; Casa Bom Jesus, Fão, 750\$00; António Martins Oliveira, Esposende, 750\$00; Rui Laurentino Guimarães Pedrosa, Fão, 1000\$00; João Emílio Sá Pereira, Fão, 750\$00; Casa Solimbo, Fão, 750\$00. 1993-94 — António Boaventura e Silva, Gaia, 1500\$00; Luís Eduardo Matos Nogueira Nunes, Porto, 2000\$00; Mário José Felgueiras Morgado, Esposende, 1500\$00. 1994 — D. M.ª Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 750\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; José Martins Correia, Espinho, 1000\$00; D. Anabela Sá Pereira, Espinho, 1000\$00; Carlos Alberto Pereira dos Santos Ferreira, Estoril, 1000\$00; Domingos José Lobarinhas da Quinta e Costa, Barcelos, 1000\$00; D. Zita Madalena Saraiva Marinho, Fão, 1000\$00; Arlindo M. Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Fernando Marques F. Almeida, Porto, 1750\$00; P.e Dinis de Vilarelho, Porto, 1750\$00; D. Cremilde Lopes Costa, Brasil, 1750\$00. D. M.ª Arminda Maciel Vale Valentim, Esposende, 2000\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 1000\$00; Joaquim Hernâni Vinha Novais, Fão, 1000\$00; António Lopes Monteiro Gonçalves, Barcelos, 1500\$00; Nelson Moreira Cardoso, Porto, 1500\$00; Francisco Gomes de Amorim, Fão, 750\$00; Dr. Milton José de Sousa Pinho, Fão, 750\$00; Comandante Carlos Bacelar Pires, Braga, 1000\$00; Valdemar Dias Ferreira de Sousa, Fão, 2000\$00; Dr.ª Rosália Graciete C. Fernandes Teixeira, Porto, 6000\$00; Emídio Real de Morais, Fão, 1500\$00; António da Fonte Galfém, Fão, 750\$00; Família de Artur Sobral, Fão, 750\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 1000\$00; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; Júlio Graça do Vale, Fão, 1000\$00; Raul Campos Pimenta, Fão, 750\$00; Pedro Graça, França, 1000\$00 e D. Alice Torres do Monte, Fão, 750\$00; Joaquim Brito Lacerda, Porto, 750\$00; Ramiro Sá da Cruz, Fão, 1000\$00; Paulo Ribeiro Branco, Brasil, 1000\$00; Júlio do Vale Morgado, França, 1000\$00; Ramiro Capitão, Austrália, 1000\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 1000\$00; José Fernandes Branco, Gandra, 750\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão, 750\$00; D. Oliva Gonzaga Araújo, Porto, 1000\$00.

NOVO RESTAURANTE

O antigo Caruncho virou restaurante confortável, sóbrio, bem decorado. É o restaurante Trocadinho. Os pratos são bem confeccionados e os preços não exigem que seja o fim do mês.

O doces são caseirinhos e o gerente Carlos Alberto Trocado é um bom «relações públicas».

Para quem não souber, é no antigo «Leonardo».



**CARDOSOS
HOTELARIA & TURISMO, LDA.**

RESTAURANTE CONCHINHA
MARISCOS — SNACK — CAFETARIA

PUB ZUL
PIZZAS — HAMBURGER'S
CROISSANTS — CREHES — SNACK

BAR DE FÃO
RESTAURANTE — CHURRASCARIA

ESPLANADA
(Totalmente remodelado — entra em funcionamento a partir de Junho)

COZINHA TÍPICA E CASEIRA
DOCE REGIONAL
MARISCOS
SERVIÇO À LISTA

RITA FANGUEIRA

DE **J. LIMA & C.^a, LDA.**

RESTAURANTE — SNACK-BAR — MINI-MERCADO

TELEF. 981442
R. AZEVEDO COUTINHO, 23 FÃO

ANTÓNIO MORAIS GOMES

**FABRICANTE DE CARTEIRAS
PORTA MOEDAS**

TELEF. 981350
LARGO MANUEL MAGALHÃES
4740 FÃO

CASAMENTOS



BAPTIZADOS

Restaurante
TROCADINHO

GRELHADOS

FÃO — AV. S. JANUÁRIO, 21 NA E. N. 13 TELEFONE (053) 981218

PALESTRAS SOBRE FÃO

Como já anunciamos em jornais anteriores, realizaram-se no Centro Cultural de Fão, por iniciativa da Cooperativa Cultural, três palestras que tiveram a terra fangueira como tema.

A primeira conferência — o autor queria que se chamasse *conversa* — realizou-se no dia 11 de Março e foi proferida pelo Dr. Brochado de Almeida. O palestrante dividiu-a em três tempos: pré-nacional, medieval e depois do séc. XV. O nome de Fão, segundo o autor, deriva da palavra Fanum, templo. Deve ter havido um templo entre esta zona (Fão) e a Barca do Lago onde se adorava uma divindade ou mais, da época romana. Os arqueólogos estão muito perto de conhecer as origens romanas de Fão. A antiga igreja de Fão vai aparecer na zona a caminho da Barc.

A apanha do sal que vai tornar célebre Fão nos séculos X e XI e por aí fora já não é da época romana. Há dois mil anos já se fazia sal, não em salinas mas em diminutos recipientes cavados nas rochas em forma de travessas pequenas que levavam pouca água e permitiam uma fácil evaporação. A Fão medieval vai aparecer na zona das Barreiras. Dessa zona desapareceu tudo. O que resta é o cemitério. As razões são várias. Vêm a ter com as mudanças climáticas e principalmente com a fuga dos moradores às exações fiscais impostas pelos senhores.

S. Paio que é martirizado em Córdoba em 925 vai dar o nome à igreja de Fão, possivelmente a partir de 950, 970.

As sepulturas mais antigas da necrópole datam da segunda metade do século XIV. As pessoas que ali estão eram pobres. Os dentes denunciam pouca alimentação de carne e peixe. Mais gorduras e cereais.

A partir do séc. XIV há um decréscimo substancial da população. Uns morrem e outros fogem. Foi neste século que ocorreu a famosa peste negra. O conde duque de Bragança, oitavo conde de Barcelos, pede a seu pai (D. João I) autorização para repovoar casais em Fão em finais do séc. XIV. Por cima das sepulturas dos Barreiros teria havido uma casa onde morou um ferreiro. Dantes, na Idade Média não havia o horror aos mortos que hoje se verifica. Filipe Ariez, historiador de França, dizia que nos cemitérios medievais namorava-se, dançava-se, cantava-se e teciam-se opiniões. A partir do séc. XIV Fão começou a existir mais para nascente, para perto do rio.

PS. Em números seguintes resumiremos as restantes palestras.

INAUGURAÇÃO DO NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS

No dia 28 de Maio vai ser inaugurado o novo quartel dos Bombeiros. Embora algumas pessoas não concordem com o sítio onde ele foi erigido, o largo Avelino Carneiro, é inquestionavelmente que se trata de um grande melhoramento para a terra. É um edifício amplo, com várias secções, aposentos para a família do quarteiro magníficos, um salão nobre polivalente, o maior de Fão, bastantes quartos de banho, um sistema de televisão interna que possibilita ver quem bate à porta, um comando à distância que permite, tocando num botão da via-tura, abrir as portas de saída, enfim um edifício apto a responder às exigências de um quartel de bombeiros.



Quartel dos Bombeiros, mais um orgulho de Fão

Um edifício que muito honra Fão e que sobremaneira honra e dignifica os directores responsáveis pela sua construção.

BODAS DE PRATA

O casal João António Marques Alves (João Pã-Pã) / Maria de Lourdes Veloso Soares da Costa Alves comemorou as suas bodas de prata matrimoniais.

Houve festa rija lá para os lados da Póvoa de Lanhoso. De todas as pessoas presentes, a mais entusiasta era a D. Lourdes. Ao que nos disseram, contou muitas anedotas e cada uma delas mais vermelhinha que as outras. Quem diria.

FELIZ ANIVERSÁRIO

É hoje dia de festa!...
Oh, que alegre anda o Fangueiro!...
Não só ele o manifesta,
Como o amigo verdadeiro.

«O NOVO FANGUEIRO» faz
A bela dezena de anos
E à nossa memória traz
«Sua vida, luta e planos».

Esta síntese, que é tão breve,
Diz um mundo de verdades!...
Mas a quem isso se deve?...
A muitas boas vontades.

Em tudo, uma história há
— Esta é bela e atraente!
«Fão de ontem e de amanhã»
P'ra levá-la a toda a gente.

O sonho é que guia o Homem
Em muitas fases da vida,
E assim faz que muitos domem
Cansaços que traz a lida.

E no jornal do «Fangueiro»
Destaca-se o Director,
Que a sonhar foi o primeiro,
— O ilustre historiador.

Todo o colaborador
E o amigo assinante,
Merece também louvor,
Que leva a causa adiante.

FLORINDA DE ALMEIDA

CLUB FÃOZENSE

Deram entrada no Salão Nobre do Club Fãozense o piano e o bilhar que andavam por aí, ao Deus dará.

O bilhar estava recolhido nos Bombeiros. O piano adornava um *pub* local. A maioria dos sócios rejubilou com o acontecimento e muitos são os que dizem que estes móveis nunca deviam ter saído de lá.

Resumindo: os sócios do Club Fãozense passaram a ser senhores do seu Club, de corpo inteiro.

Sugerimos à Direcção que mande afinar o piano e que promova conferências culturais, tendo por tema a música. O piano servirá para demonstrações como o faz o maestro Vitorino de Almeida.

A Cooperativa Cultural de Fão que se tem revelado muito activa poderá dar uma ajuda.

Enfim, parece que Fão passa a ocupar um lugar de evidência na cultura concelhia.

COLÓQUIO SOBRE TURISMO

A Cooperativa C. de Fão vai tentar levar a efeito um Colóquio sobre Turismo no dia 3 de Junho.

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

VENDE-SE

R/C, 1.º E 2.º ANDARES

Casa em acabamento no cruzamento da Rua da Cruz com a Rua de Cima. Falar com Fernando Paralta — Fão

ONDE É QUE A MULHER É MAIS FRACA DO QUE O HOMEM?

FESTAS DE FÃO PARA RECORDAR

É nesse encantador livrinho chamado «Viagens na minha terra que Almeida Garrett se põe a questionar sobre quem é mais forte: se os varinos que trabalham no mar se os campinos que trabalham em terra. Por analogia queremos perguntar quem é mais capaz de organizar as festas do Senhor Bom Jesus: as mulheres ou os homens?

Bom, já estamos a prever as respostas. Dizem elas: *nós*. Dizem eles: claro que os homens.

E o leitor o que diz? Segue a lógica do sexo, sem dúvida: se é uma ela, diz que são elas; se é um ele, diz que são eles.

Já nos disseram que este ano foram as maiores festas de sempre. O que é considerado as melhores de sempre: a extensão de forasteiros? A maior quantidade de barracas? A boa qualidade das bandas de música? A maior duração do fogo? A novidade e quantidade de acções realizadas? Todos estes factores contribuem para o engrandecimento dos festejos, só que nem todos entram no superlativo. A nós quis-nos parecer que este ano houve muita organização, tudo foi planeado com conta, peso e medida e... houve um *mais*, sim senhor: foi a festa que teve maior número de barracas ou de distrações. Aquele terreno circundante da Pousada esteve a abarrotar. Só que para isso contribuiu um certo distanciamento das festas das cruces. Se calhassem de ser mais perto, muitas barracas tinham preferido um bom lugar em Barcelos. De qualquer modo parece-nos que em nenhum ano houve tanta diversidade de entretenimento. É que o facto de serem as senhoras a tratar exclusivamente de tudo, o facto de os homens ficarem amarrados ao biberão, às roupinhas e aos cozinhados, gerou a singularidade dos festejos deste ano e isso espevitou a curiosidade dos forasteiros e dos incolas locais ver as novas amazonas da Capadócia.

MEIOS DE ANGARIAÇÃO

Uma novidade para arranjar dinheiro foi



Pedreiras presente

a realização de um cortejo de oferendas a nível concelhio. Houve um apelo a todos as freguesias. Corresponderam Fão, claro, Apúlia, Rio Tinto, S. Paio, Palmeiras, Gemeses. Não esteve mal. Houve boas vontades e ainda se fizeram no leilão à volta de 400 contos. Vendeu-se tudo. O habitual peditério pela freguesia que ainda trepou à subida que dá para Fonteboa, foi o mais rendoso de sempre. Nesse aspecto a simpatia das senhoras veio ao de cima. Muita gente dobrou a parada. As 21 senhoras que faziam parte da comissão foram divididas em turnos. E cada uma delas trabalhou mais do que qualquer outro.

Um habitual meio de angariação foi a *tômbola* que criou dois tipos de beneméritos. Os que ofertaram coisas para a mesma e os que compraram essas mesmas coisas. Houve ofertas valiosas, houve quem se excedesse no número delas e nós só não mencionámos

aqui os respectivos nomes para não melindrar quem deu menos. Há muita gente que nutre muito carinho pela nossa terra. Essa é a conclusão mais importante.

OS NÚMEROS «FESTANTIVOS»

Na quinta-feira, dia 7, realizou-se uma Noite Fangeira, no Largo Manuel Magalhães (vulgo: Largo do Fontes). Trata-se da coqueluche, da menina bonita, do ai Jesus! da gente de Fão. Recordam-se e repetem-se as trovas das revistas do Ernestino, cantos e dizeres que se impregnaram na alma dos habitantes locais. Actuaram os artistas consagrados que nestas coisas nunca falham: Marcos Reis (ó estrelinha do norte), Barbosa (o Cávado), Armando Solinho (o Marinheiro), o Inocêncio, (o Fado com a Linda), (a fangeirinha), a Dulce (que raiva não estarmos presentes para ouvi-la cantar inconfundivelmente os Sinos), a Lúcia (serões), a Jacinta (remadores), a Laia (Fão antigo), a Vânia (feixes de Fagulha); dos artistas estreantes destacamos (pediram-nos que destacássemos) a Mara (Escadinhas) e a Vânia. Disseram-nos que estas moças se estreadam com nota 20 e a dar-nos a certeza que já estão na forja novos valores a darem-nos a certeza da eternidade das revistas.

No Pacha, simpaticamente posto à disposição dos organizadores, realizou-se um desfile de traje antigo, dirigido por Ana Salazar, perdão, Ana Maria Pieira que nesta tipo de realizações revela muita capacidade organizativa e inerente autenticidade.

Ainda na noite de quinta-feira exibiam-se no palco levantado na Avenida Dr. Manuel Pais os grupos folclóricos Rancho Poveiro e Rancho de Rio Tinto que trabalharam a contento das inúmeras pessoas que estavam presentes.

Falta ainda falar das Marchas, um dos números para nós mais importante, se não o mais importante, pelo trabalho que dá, pela preparação que exige, pelos numerosos ensaios que fazem as pessoas despeparem-se a muito custo, das malfadadas telenovelas.

Mais uma vez as crianças do Infantário mostraram o trabalho das suas monitoras com arte, entusiasmo e inocência. O grupo das Pedreiras (Inocêncio) revelou a sua origem telúrica, os da marcha de Areosa (Carlos Maia Palma) o Palma Rios (filho e pai) exibiram a sua costela cidadina e o Ramalhão (Solinho e Barbosa) mostraram o seu toque castiço e exibicional.

O fogo esteve alentado e a cachoeira foi aquela torrente de fogo que nos deixa verdadeiramente siderados. Dizem os fangeiros mais impenitentes: «isto é o que os de Esposende não conseguem porque não têm ponte. Refilam os do lado de lá: «Pois sim, mas é de Esposende que se vê a cachoeira com todo o seu esplendor».

Mas a festa ainda não acabou. Há que falar da missa de domingo no Bom Jesus. O coral do Bom Jesus, ensaiado por António Martinho, esteve muito bem. Descansem os do Coral da Matriz. Soubemos que na missa da Aleluia, sob a regência do Dr. Moreda, se exibiram espectacularmente. Com tantas vocações, com tão bons artistas, não se arranjará um orfeão laico?



Em Fão quem manda são elas. Comparem a pose da Maria Armanda com a postura do bombeiro

NOTAS GERAIS

A festa foi ensombrada pelo facto da procição dos entrevados, realizada na segunda, não ter ido à Rua Serpa Pinto. Os das Pedreiras não tiveram ensejo para mostrarem a sua arte de bem fazer o seu célebre tapete. Não houve doentes entrevados, ou antes, os que existem não quiseram receber o sagrado viático tão indiscretamente. É verdade que a procição dos enfermos não faz parte da festa, mas a gente já estava habituada. Enfim, sinal dos tempos, com grande arrelia para o nosso bom prior.

★

Durante a exibição das músicas já não se dança ao som das mesmas como se fazia dantes. Não deixava de ser engraçado. E igualmente não se nota a presença daqueles entendidos que passavam horas e horas a fio a apreciar o virtuosismo dos artistas.

★

As festas deste ano foram realizadas por um grupo de senhoras. Mas que grande novidade!... Quantos eram? Exactamente vinte e uma. Como se formou o núcleo? Com base nas que pertenciam às Janeiras, a que se juntaram representantes das Pedreiras, do Ramalhão e da Areosa. Assim ninguém teve razão para se queixar.

★

Foram os membros da Comissão das Festas quem confeccionou as roupas das Amazonas que acompanharam os tamboleiros, com a ajuda preciosa da Zeca Borda e irmã.

★

As senhoras da Comissão integraram-se no desfile das bandas de música, a quando da sua entrada em Fão. Foi um espectáculo digno de ver. Apresentaram-se com ar marcial, de passo acertado com a cadência da música, sem mostras de qualquer exibição. Na segunda-feira a Comissão «feminista» foi buscar os Bombeiros ao quartel e acompanhou à igreja.

★

Por falarmos em bandas de música, é costume ou era costume serem acompanhados na



Pedreiras sempre



Quando à linda roupagem se alia uma cara bonita o efeito é imbatível

sua entrada por alguns *tifosi*. Estamos a lembrar o Miro Careta, o Pinto Miguel, o Dr. Zé Arcias (vinha de Esposende) e outros. Desses antigos vimos este ano o Dr. Zé Emílio, o Zé Madureira, o Tino Turra; o dr. Zé Pio só «entrou» junto aos Bombeiros e o Quiqui, este só agarrou a banda já esta ia na Alameda (Tinho dixit).



As novas Amazonas da Capadócia

★

Os irmãos Matias lá vieram de longada confeccionar o tapete junto ao altar-mor na igreja do Bom Jesus. Como sempre não faltaram os admiradores deste engenho dos manos Casimiro e Zeca.

★

A Cooperativa Cultural de Fão, que vem trabalhando muito bem, concorreu para as festas com uma exposição de trabalhos feitos em madeira pelo conterrâneo.

★

A propósito das festas, vimos no interior de Fão o dr. Carvalho Matos facto que não acontecia há 364 dias...

PEDRAS QUE FALAM

Vou falar de mim que também serei uma «pedra» que sente e fala como as pedras fangeiras que calcorreei horas a fio, nos dias dourados do final do verão.

Nunca sei datas, esqueço pormenores, esbarro com caras que me sorriem e não sei quem são.

Gargalhada. Abraços. Conversa de reconhecimento. Também não sei a data de saída de «O Novo Fangeiro».

Aproveito esta quarta-feira santa, embrulhada em flores que passam nas ruas de Amaranço, debaixo dum sol cinzento, londrino e faço esta pequenina crónica para o querido jornal que leio letra por letra.

Lê-lo é matar saudades e esta frase, de tão simples, tem sempre a mesma oportunidade e perfume. No outro dia, passei casualmente em Fão e fui almoçar à Rita.

É que aí, mais do que a comida, eu tenho a esperança, quase sempre conseguida, de encontrar algum dos que amo.

A janela do restaurante estava aberta e, enquanto partia o filete, passei o olhar (o olhar amante é adivinho) pelo Largo: em baixo uma mão acenava. Era Ruben e a bonita esposa!

Sobremesa gostosa aquela, mesmo sem nos falarmos!

Mas a Páscoa está aí.

Lembro-me da minha infância e das páscoas que passei em Fão, em casa do Titó, onde tudo era sempre mais doce.

O Titó é uma figura de romance: o marido, o pai, o irmão, o tio, o sogro que permanece na memória colectiva da família e, se o romance for escrito, é o ente querido do nosso imaginário. Dava, de facto, uma belíssima figura de um romance «best-seller».

Se eu tivesse talento... assim, talvez que no verão que se avizinha, eu calque e recalque aquelas pedras que falam e o romance surgirá. Quem sabe?

Para hoje, só flores, amêndoas e a benção molhada de água-benta nas nossas casas e nos nossos corações que, de uma forma ou de outra, se passeiam sempre pelas pedras que falam.

MARIA SALOMÉ

ALTAR DO SENHOR DA AGONIA

Por lapso indicámos no segundo parágrafo do artigo publicado em Abril, que o quadro esculpido, que se encontra na parte superior do altar, representava a cabeça de Cristo, quando, de facto, esse é o ornamento do Altar da Senhora das Dores.

No Altar do Senhor da Agonia o quadro apresenta uma coroa de espinhos e três cravos, símbolos da paixão de Cristo.

É de realçar que imagens do Senhor Crucificado são veneradas sobre a designação de «Bom Jesus», como sucede em Barcelos, Braga, Matosinhos, etc.

É bem provável que esta imagem tivesse a origem em Viana do Castelo, como nos anos cinquenta me garantia o bom amigo Anterino Borda, já falecido. Daí alguns autores pretenderem que a imagem do Senhor dos Passos, Bom Jesus de Fão, tivesse vindo de Viana do Castelo.

(Continua na pág. 4)



MÓVEL ZENDE

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÓVEIS, LIMITADA
FONTEBOA — 4740 ESPOSENDE

FABRICO ESPECIALIZADO DE:

- SALAS DE BANHO LACADAS
- COZINHAS LACADAS OU EM MADEIRAS
- MÓVEIS POR DESENHO

QUALIDADE E BOM GOSTO

FARMÁCIA HIGIÉNICA

SECÇÃO DE: PERFUMARIA
ORTOPEDIA
BRINQUEDOS

TELEF. 981303

FÃO

PRONTO A VESTIR GRUPO DE VESTIR OÁSIS

DE MARIA ANGÉLICA MIRANDA

LARGO COMANDANTE CARLOS MARTINS

ESPOSENDE

TALHO NOGUEIRA

DE

ÁLVARO VASCONCELOS VALENTIM

**CARNES DE BOI
VITELA
PORCO
E CABRITO**

FÃO — 4740 ESPOSENDE — TELEF. 961411

ANÍBAL CABELEIREIROS

HAIRDRESSER • COIFFEUR

- Manicure
- Pedicure
- Tratamento Capilar
- Depilação
- Maquilhagem

TELEF. 962419

LARGO CONDE DE AGROLONGO

FÃO

PASTELARIA E CONFEITARIA

PÃ-PÃ - 1

RUA DE S. JOÃO, 2 — TELEF. 981319

SALÃO DE CHÁ

PÃ-PÃ - 2

AVENIDA VISCONDE S. JANUÁRIO — TELEF. 982371

PASTELARIA PÃ-PÃ - 3

TORRES DE OFIR — FÃO — TELEF. 981496

SE QUER UM SERVIÇO DE QUALIDADE PREFIRA **PÃ-PÃ** — 3 CASAS À SUA ESCOLHA

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — Mais dois apulienses, residentes no Lugar de Criaz, foram ceifados por acidentes de viação. O martiriológico dos habitantes daquele lugar continua a aumentar, numa relação de vítimas de atropelamentos impressionante. A par com a pouca sorte não andarão também um pouco de incúria de algumas dessas vítimas?

Enfim, um assunto que já não pode ser meditado pelos que já foram. Mas que pode, e deve, pelos que cá ainda estão...

As vítimas desta vez são os Senhores Manuel Martins Ribeiro de Miranda, em 9 de Abril, e Adelino Torres da Silva, em 20 do mesmo mês.

O primeiro, filho de José Ribeiro de Miranda e de Ana Martins Miranda, nasceu em Apúlia no dia 14 de Março de 1993, e era casado com a Senhora D. Maria Joaquina Martins.

O segundo, natural da vizinha freguesia da Estela, era filho de António da Silva e de Josefina Amélia Torres, e nasceu em 3 de Outubro de 1948.

Deixa viúva a Senhora D. Maria dos Anjos Monteiro.

— No lugar da Areia, mas de morte natural, faleceu também no dia 20 do referido mês de Abril, a Senhora D. Adelaide Fernandes Moreira (Adelaide Cachiça), nascida em 8 de Janeiro de 1913.

Era filha de David Baptista da Silva e de Rosária Fernandes Moreira.

Para os familiares destes nossos conterâneos, aqui deixamos os nossos pesames.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA — A última, ordinária, realizou-se no passado dia 30 de Abril, com a seguinte ordem de trabalhos: a) período antes da ordem do dia; b) aprova-

ção das contas de gerência de 1993; c) escolha de local para a feira; d) informação relativa ao esporão das «Pedrinhas».

As contas de gerência foram aprovadas com 5 votos do PSD e 4 contra da Oposição (LIPA e CDS/PP).

A feira, nos moldes e nos locais propostos pela LIPA e CDS/PP, foi rejeitada pelos 5 votos do PSD.

Curioso (ou talvez não) o assunto da viabilização da feira, constava do programa daquelas três forças políticas.

Sobre o Esporão das «Pedrinhas», a Assembleia foi informada que a Junta de Freguesia fora esclarecida pela APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende), em resposta a ofício da Autarquia que pedia para que a mesma providenciasse no sentido da demolição total do referido esporão, que o assunto ultrapassava a sua capacidade de decisão, pelo que o mesmo iria ser posto a Entidades Superiores.

Sobre este assunto que ainda vai fazer correr muita tinta, a Junta de Freguesia fez o que devia fazer, avalizada por 99% dos apulienses. Veremos agora se os outros, entre os quais a APPLE, também fazem o que podem fazer.

TEATRO — Da responsabilidade de um grupo de apulienses, que pretendem angariar receitas para as futuras obras da Igreja Paroquial, tem sido levada à cena a conhecida composição dramática de Bernardo Santareno, «A PROMESSA» com o Salão Paroquial sempre cheio.

A terem continuidade, seria o reatar de uma certa manifestação de cultura, que algumas épocas atrás, teve entre nós grande tradição, e que revelou até alguns bons ar-

tistas, na revista, no drama e na comédia, como foram os casos do Manuel Nato, do Laurindo Regado, da Ilda, do Silvério Eiras, da Mariazinha Araújo, do José Fonseca, e tantos outros que seria fastidioso enumerar.

E como essa tradição está ainda arraigada nas pessoas, não será difícil vaticinar grandes enchentes e grandes êxitos.

FUTEBOL — Não a desmentir (porque os pontos e as classificações dão indesmentíveis), mas a contradizer um pouco aquilo que escrevemos, os últimos resultados desportivos do nosso representante em futebol sénior, parecem indicar uma fase menos boa, uma possível quebra física.

Todos desejamos que ela seja passageira e rapidamente ultrapassada. Entretanto, os últimos resultadís: Fão, 1 - Apúlia, 0; Apúlia, 0 - Brufense, 0, são já o pronúncio dessa baixa de forma.

O VERÃO À PORTA — Já estamos a pouco mais de 30 dias de mais uma nova época balnear. O verão já ronda as nossas portas, presente-se no apertar do calor, no sol a «pi-que», no tamanho dos dias, e no cheiro enebriante das flores, que bordam os caminhos e encham os campos.

Para já as nossas praias estão muito más. Abunda o rochedo e escasseia a areia.

Mas o mar é sempre o mesmo, sempre imenso, sempre azul verde. E só por isso, estamos certos, a afluência de veraneantes, dos que passam e dos que por cá ficam, vai ser superior à do último ano. E é possível que as praias se recomponham ainda, pois é no mês de Maio que o mar e o vento arrantam as areias para os locais de onde haviam saído.

E depois, o que também pesará» na resolução dos «banhistas», Apúlia já está dotada com condições de limpeza e higiene, tão boas ou superiores às das suas próprias terras.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73
FAX 053 - 98 22 65





CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, INDUSTRIAL E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO que, no próximo dia 3 de Junho, pelas 15.00 horas, no Auditório da Biblioteca Municipal, se procederá à venda, através de Hasta Pública, de um lote de terreno destinado à construção - cave, r/c (comércio) e andar (comércio ou escritório), de acordo com as condições de venda aprovadas em reunião do Executivo Municipal, de 28 de Abril último, as quais podem ser consultadas na Secção Administrativa, Taxas, Licenças e Arquivo, da Divisão Administrativa e Financeira, desta Câmara Municipal, de segunda a sexta-feira, durante o horário normal de expediente.

O lote a alienar, nos termos da deliberação acima referida, localiza-se na Zona Centro desta cidade, designado pelo n.º 4, e tem o preço base de 24.000.080\$00, não sendo admitidos, durante a praça, lances inferiores a 200.000\$00.

O licitante que arrematar o lote fica obrigado ao cumprimento dos seguintes procedimentos:

1. Depositar 10% do valor do mesmo, na Tesouraria da Câmara Municipal, no prazo de 24 horas, importância essa que

servirá de garantia à realização do contrato, para além da liquidação de 6% do valor arrematado, nos termos do art.º 15.º da Tabela Geral do Imposto do Selo, na Repartição de Finanças deste concelho; e

2. Proceder ao pagamento do valor restante do lote arrematado da seguinte forma:

a) 40% no prazo de 30 dias após a comunicação da adjudicação; e

5) 50% no prazo de 120 dias contados a partir da data da comunicação da adjudicação, procedendo-se à celebração da escritura nos 30 dias seguintes.

Mais se torna público que o não cumprimento dos pagamentos fará reverter a favor da Câmara Municipal a importância até à data entregue e origina a anulação da adjudicação, cabendo à Câmara Municipal o direito de pôr novamente à praça o referido lote.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu (nome ilegível), Chefe de Divisão Administrativa e Financeira da Câmara municipal, redigi e subscrevi o presente edital.

Esposende e Paços do Município, 3 de Maio de 1994.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga Figueiredo

Especialidade Clínica

O nosso amigo dr. José Alberto Costa e Silva, de Esposende, acabou há tempos o curso de Medicina Dentária em complemento do curso de medicina geral. Depois disso realizou em Anjers, França, um estágio de cirurgia maxilo facial.

DOENTE

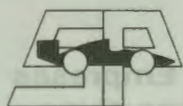
Encontra-se internado no hospital de Barcelos o nosso prezado colaborador José Maria Machado do Vale, em consequência do desastre que sofreu há tempos.

Desejamos rápidas melhoras.

CDS/PP

O Partido C.D.S./P.P. levou a efeito eleições Concelhias no dia 30-5-94 e ficou constituída da seguinte forma.

Presidente - Álvaro Maio; Secretário - António Eduardo de Oliveira Viana; Vogais - Oscar Hernâni Gomes Viana, Dr. Sérgio Viana, Fernando Carvalho, Adelino Escrivães, Alberto Viana e Manuel Augusto; Suplentes - Serafim Silva e Cândido Silva; Mesa da Assembleia: Presidente - João Vilarinho; Vice-Presidente - Dr. João Baptista; Secretário - José Teixeira Engenheiro.



stand porto

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE • PREÇO • CORTESIA • PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988
FAX 567465 — PORTO

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

CONCURSO DE IDEIAS

A C.C.F. promove um concurso para a adopção de um símbolo — logotipo, pelo que solicita a todos os leitores em geral e a todos os cooperantes em particular, lhe enviem propostas para — C.C.Fão, Apartado 17 / Fão — 4740 Esposende.

A proposta seleccionada será premiada.

C.C.F.

VESTIDO

*Intento remendar o coração
Com a linha da fé e da esperança.*

*Meu vestido de outrora, de criança,
Um tecido de Amor e de Ilusão,
Aos poucos foi rasgando...
Pela força do vendo da maldade,
Pelo vaivém incerto da existência;
E agora vou tentado,
Com toda a paciência consertá-lo,
Para ver se consigo apresentá-lo
No banquete final da Eternidade,
Revestido de luz e de inocência,
Como era noutra idade.*

DINIS DE VILARELHO

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO GOMBO OU QUIABO

(Continuado do número anterior)

As variedades são em geral classificadas segundo o tamanho da planta e a forma e cor do fruto. Assim, há plantas anãs que têm 0,90 a 1,20 metros de altura e plantas que atingem cerca de 1,80 a 2,40 metros de altura. Todas as boas variedades têm frutos sem espinhos, e a sua cor pode variar desde o branco-creme ao verde-escuro, e serem angulosos ou não. Nos Estados Unidos da América existem as melhores variedades e referir-se-ão algumas: «Perkins Spineless» e «Dwarf Long Pod» são duas variedades anãs, com frutos de 15 centímetros de comprimento, angulosos e de cor verde; «Clemson Spineless» é de altura mediana e produz frutos longos e verdes; «Louisiana Green Velvet» é uma variedade alta com frutos verdes não angulosos; «White Velvet» é semelhante à anterior, mas com frutos brancos. Em Inglaterra cultiva-se a «Lady Finger».

Clima e Solo — O quiabo é uma planta de países tropicais, onde é cultivada na época das chuvas. No nosso clima é uma cultura de Verão, pois necessita de muito calor para se desenvolver e rodutir frutos.

Quanto a solos adapta-se bem a diferentes tipos mas os mais convenientes são os arenosos férteis.

Cultura — A sementeira nos climas tropicais, faz-se na altura da estação das chuvas, mas nos climas temperados semeia-se na Primavera, em princípios de

Abril. Esta sementeira à razão de 4 a 8 kg/ha, é feita em linhas distanciadas de 1 metro e dentro das linhas as plantas devem ficar à distância de 30-45 centímetros umas das outras, dependendo da variedade.

A semente leva cerca de 15 dias a nascer. Pode activar-se a germinação, demohlhando as sementes em água durante 24 horas antes de semeá-las. Pode-se também imergir as sementes em álcool ou acetona durante apenas 30 minutos.

O terreno em que se faz a semente deve ser estrumado com 10 a 20 toneladas por hectare e, se for necessário, completa-se a fertilização com 300 a 800 kg/ha dum adubo completo de fórmula 4:12:4 ou 5:10:5 no momento da sementeira.

Colheita — Os frutos dos quiabos desenvolvem-se muito rapidamente e devem ser colhidos diariamente. Só os frutos pequenos e tenros são comestíveis, pois tornam-se fibrosos quando se deixam crescer demasiado. As plantas em que os frutos são colhidos amiudadas vezes, crescem muito mais do que aquelas em que se deixam frutos amadurecidos por colher.

Como norma, os frutos começam a estar em boas condições quatro dias depois da floração; estas condições crescem até ao 6.º dia e decrescem até ao 10.º-12.º dia, tornando-se depois impróprios para consumo.

FIM

CULTURA PRÁTICA DAS AZEDAS

(*Rumex acetosa* L)

Esta espécie, que pertence à família das das Poligonáceas, é espontânea na

Europa, onde se encontra com frequência nos bosques e nos prados.

As suas folhas empregam-se na preparação de sopas verdes e podem ser utilizadas só, ou juntamente com espinafres ou acelgas para lhes dar maior paladar.

Classificação e Variedades — Planta vivaz, de raízes fibrosas tem folhas oblongas ou ovais formando roseta. As flores são dióicas, esverdeadas e pequenas e estão dispostas em cachos terminais e laterais. O fruto é um aquénio triangular, acastanhado e brilhante, vulgarmente considerado como semente, e cuja duração germinativa é de dois anos. Um grama contém 1000 sementes.

Esta espécie tem algumas variedades comerciais tais como: «de Belleville», «de Chambourcy», «de Nosay», «Folha de Alface» e «Azeda-espinafre» ou «Paciência», que é a menos ácida de todas.

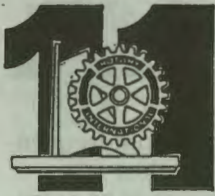
Cultura — A azeda é uma planta pouco exigente, que se acomoda em quase todos os terrenos, à excepção dos calcários. No entanto, para se obter uma boa produção de folhas, é necessário cultivá-la num terreno bem mobilizado, fresco e rico em matérias azotadas. A sua acidez é tanto maior quanto maior for a sua exposição ao sol, convindo por isso escolher um local ensombrado, durante o Verão.

A multiplicação faz-se, quer por divisão das plantas velhas, quer por semente. Nas pequenas hortas, em geral, a plantação faz-se por divisão de pés, que devem ser escolhidos, entre as plantas masculinas. Esta plantação faz-se em Março ou em Outubro, separando os rebentos que estejam aderentes ao pé-mãe e plantando-os com compassos de 20 a 25 centímetros.

(Continua)

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA



11.ª CONFERÊNCIA DO DISTRITO 1970

Rotary e a Nova Europa

13-14-15 de Maio de 1994

ESPOSENDE

PROGRAMA

Sexta-feira, 13 de Maio

15:00 — Abertura da recepção aos participantes, no Hotel Sopete Ofir; 17:30 — Inauguração de Exposições no Hotel Sopete Ofir: Exposição de Pintura; Exposição de Fotografia; Exposição de Artesanato; Exposição de Filatelia (selos de Rotary); Exposição de Actividades dos Rotary Clubs; 18:30 — Apresentação de cumprimentos na Câmara Municipal de Esposende; 19:30 — Conferência de Imprensa no Hotel Sopete Ofir; 20:30 — Jantar de Abertura e Início Oficial da Conferência na Discoteca Pacha em Ofir; Desfile das Bandeiras dos Concelhos sedes de Rotary Clubs; Saudação às

bandeiras; Boas vindas pelo Presidente do Clube Organizador, Adelino Miranda Marques; Intervenção do Governador Manuel João Madureira Pires; Intervenção do representante do Presidente de R.I., GD 83/84 Octávio Leite Vallejo; Desfile de trajes antigos de Esposende.

Sábado, 14 de Maio - Hotel Sopete Ofir

09:30 — 1.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Apresentação de Relatórios Distritais; Serviços à comunidade; Presidente da C.D. Fernando Xavier; Presidente da Sub-Comissão Distrital do Meio Ambiente, Joaquim Branco; Presidente do R.C. Senhora da Hora, Diamantino Gomes; Representante Distrital do Interact, João André Alvim; Representante Distrital do Rataract, Paulo Delfim Lopes; Serviços Profissionais; Pres. da C.D., Adalberto Moraes; Fundação Rotária Portuguesa; Pres. do C.A., Alfredo Oliveira Santos; 10:45 — Intervalo para café; 11:00 — Comissões Inter-Países — Coordenador Nacional das CIP. GD 82/83 António Guimarães Ferreira; Serviços à Comunidade Mundial — Pres. C.D., GD 79/80 Maurício Pires; Intercâmbio Internacional de Jovens — Pres. C.D., GD 88/89 Artur Lopes Cardoso; Fundação Rotária de R.I. — Pres. C.D., GD 87/88 Manuel Cardona; O Distrito 1970 - Situação actual e perspectivas futuras - Governador Manuel João Madureira Pires;

12.00 — 2.ª SESSÃO DE TRABALHOS; Verificação de poderes dos Delegados dos Rotary Clubs;

Ratificação do Governador Indicado 95/96, Alcino Cardoso; Ratificação do Delegado do Distrito ao Conselho de Legislação de 1995, Artur Lopes Cardoso; 12:30 — Almoço de Companheirismo.

14:00 — 3.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Tema «Rotary e a Nova Europa»; Apresentação do tema - Governador Manuel João Madureira Pires; O Movimento Rotário e a Nova Europa - Dir. de R.I. 91/93 Marcelino Chaves; A solidariedade Europeia - Dr. Luis Manuel Madureira Pires, Director Geral do Desenvolvimento Regional; A Europa depois da queda do Muro de Berlim: uma visão espanhola — Prof. Dr. António Bustos, decano da Faculdade de Direito da Universidade de Salamanca; 15:45 — Intervalo para café; 16:00 — Nova Europa/Velha Europa — Eng. António Cardoso e Cunha, Comissário da Expo-98; Debate sobre as intervenções anteriores.

17:00 — 4.ª SESSÃO DE TRABALHOS — Associação Portugal Rotário; 10.º aniv. da Revista «Portugal Rotário» - GD 68/69, Octávio Lixa Filgueiras; Evocação de Nuno Argel de Melo - GD 74/75, Carlos Estorninho; Homenagem - Governador Manuel João Madureira Pires; 17:45 — Intervenção do Representante do Presidente de R.I., GD 83/84 Octávio Leite Vallejo; Encerramento pelo Governador Manuel João Madureira Pires; 20:30 — Jantar de Gala; Breves intervenções do Representante do Presidente de R.I. GD 83/84 Octávio Leite Vallejo e do Governador Manuel João Madureira Pires; Bailedo do Governador.

Domingo, 15 de Maio

10:00 — Missa na Igreja da Misericórdia, em Esposende; 10:45 — Plantação da Árvore da Amizade, junto do Palácio da Justiça, em Esposende.

11:00 — 5.ª SESSÃO DE TRABALHOS, no Auditório Municipal de Esposende; Conclusões da Conferência, pelo Governador Indicado 94/95, Rui da Silva Leal; Apresentação do Governador Indicado 95/96, Alcino Cardoso; Esclarecimentos sobre as contas da Governadoria 92/93, pelo GD 92/93 Manuel Cepêda; Definição do local e da data da realização da 12.ª Conferência do Distrito 1970; Apresentação dos Grupos de Estudo dos Distritos 7690 e 1970 - Pres. GD Fernando Ferreira Pinto; Intervenção do representante do Pres. de R.I., GD 83/84 Octávio Leite Vallejo; Intervenção do Governador Manuel João Madureira Pires; 13:00 — Almoço de Encerramento no Hotel Sopete Ofir; Breves intervenções: Pres. do R.C. Esposende, Adelino Miranda Marques; Representante do Pres. de R.I., GD 83/84 Octávio Leite Vallejo; Governador Manuel João Madureira Pires.

PROGRAMA SOCIAL

Sábado, 14 de Maio

09:30 — Partida do Hotel Sopete Ofir; 09:45 — Visita à APPACDM das Marinhas e entrega dos donativos com que as senhoras do Distrito colaboraram na iniciativa da Esposa do Governador, Maria Ruth Madureira Pires, de apoio àquela Instituição; 10:45 — Visita ao Museu Atelier do Pintor Henrique Medina; 11:45 — Visita à cidade de Esposende; 12:30 — Almoço no Hotel Nélia; 13:45 — Partida para o Hotel Sopete Ofir.

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÉSO



CALIBRADOR POR PÉSO 4 LINHAS



DESCARREGADOR E ELEVADOR



TAÇAS DE CALIBRE POR PÉSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044 81 23 02
TELEX 44811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

NASCIMENTO

No dia 17 de Fevereiro de 1994, nasceu na Clhpóvoa o menino BRUNO MANUEL FERREIRA E PIRES PEREIRA, filho da professora Maria Cristina Soares e Ferreira e Pires Pereira e de Carlos Manuel Pires Pereira, neto de Artur dos Santos Ferreira e de Conceição da Piedade Ferreira Soares Ferreira (Sãozinha Chitas).

Saúde e longa vida é o que desejámos ao BRUNO MANUEL.

P.S. — Esta notícia satu com alguns erros no número anterior, dos quais pedimos desculpa ao BRUNO e à família.

DE LUTO

Pelo falecimento de sua mãe encontra-se de luto o nosso pároco P.e Vilar.

Ao senhor arcepreste apresentamos sentidas condolências.

TURISMO CHAVE DO DESENVOLVIMENTO

JOAQUIM LOUREIRO VASSALO

(Continuação)

E tudo isto para quê?

— Para o espoliarem da «menina dos seus olhos» — a Av. Marginal — a que, injustamente, atribuíram outro nome, que não o seu, como lhe era devido.

E que mereceu das Câmaras que lhe sucederam?

— O total esquecimento e alheamento, relegando até o seu retrato, colocado no Salão Nobre da Câmara por uma das Vereações anteriores, para os seus arquivos mais profundos e bafientos. Os seus detractores dizem que ele se aproveitou das multiplas obras que mandou fazer para defraudar a Câmara. Em resposta a esta calúnia, o P. Sá Pereira declarou a seu sobrinho e principal colaborador Sr. António Portela:

«Se alguém te disser que o P. Sá Pereira roubou a Câmara, diz-lhe que o dinheiro da Gatanheira, que era minha propriedade, foi todo investido na Av. Marginal, donde não recebi um tostão».

Um colaborador de um dos três periódicos da cidade de Esposende escreveu que:

«O P. Sá Pereira foi e deverá ser tido como um dos mais ilustres presidentes em todos os tempos. E julgo que não há exagero nesta afirmação, como vamos ver». (Nascer de Novo, n.º 50, p.7)

E o mesmo articulista continua dizendo que o P. Sá Pereira estendeu a todo o concelho «[...] o grande melhoramento da electrificação». (Até então só era prerrogativa das vilas de Esposende e Fão, como escrevemos anteriormente — v. O Novo Fangueiro, n.º 117, p.7). Tal empreendimento, continua o autor da referida local do Nascer de Novo, e outros que se lhe seguiram, grangearam-lhe acerbas críticas e calúnias maldosas que não tinham outra finalidade se não atingir a sua dignidade e honestidade.

Indiferente a todos esses insultos continuou a sua obra grandiosa. Em carta dirigida a sua sobrinha Dr.ª M.ª Celeste Portela, cujo rascunho me facultou e encontra-se em meu poder (em resposta a uma outra carta em que lhe pedia informações biográficas do tio Padre), escreveu o referido Sr. António Portela:

Fui o seu braço direito e ele e eu demos ao concelho as infra estruturas de: Electrificação, abastecimento de águas, saneamento e ligações rodoviárias a todas as freguesias. Tudo ficou feito no concelho a indicar à posteridade o que haviam de ampliar e melhorar segundo o progresso e o tempo.

Também, na mesma carta, escreveu o seu autor, a propósito da delapidação que do seu património fez tão ilustre como dedicado Presidente da Câmara a favor de obras municipais de tão grande vulto que realizou:

P.e Sá Pereira era homem sem apego ao dinheiro ou à fortuna. Foi vendendo a pouco e pouco o que os pais lhe deixaram para viver e dava, quando a miséria lhe batia à porta com uma mão que a outra não visse. Deixou apenas o património que lhe foi conferido pelos pais, quando se ordenou padre, à tua tia Rosa, onde ela vive e com ele viveu muitos anos. *Morreu pobre.*

Disso mesmo dá também conta o referido articulista do citado n.º 50 do Nascer de Novo, que diz que ele

«Era esmoler, caritativo, socorrendo sempre evangelicamente quando a miséria lhe batia à porta, vivia modestamente, e chegou a vender o que os pais lhe deixaram (com excepção do património-título de ordenação), o que levou sua irmã Rosa a dizer: — «Está a vender os bens para gastar em Esposende, e no fim...».

Muito mais haveria de dizer sobre esta figura plurifacetada de autarca, de sacerdote, de político.

Do autarca já se escreveu o bastante para se avaliar da sua actividade como o maior Presidente dos últimos tempos na nossa opinião.

Do sacerdote e do político apenas três factos: Após a sua ordenação sacerdotal, cantou missa nova com apenas 21 anos em 1898 e foi, de seguida, nomeado pároco de Esposende. Como tal, foi ele o responsável pela plantação do Souto da Senhora da Saúde.

Por querer dedicar-se à política e, por ser homem muito honesto, não deseja misturar esta com a actividade sacerdotal. Pelo que pede ao bispo que o dispense desta e, por consequência, de celebrar missa e a demissão de

Reitor de Caminha, como relata o Sr. António Portela na já referida carta.

Monárquico ferrenho, o seu partidarismo não o leva, no entanto, a criar inimizades com os seus adversários políticos. Pelo contrário, contava entre os seus grandes amigos ilustres republicanos responsáveis a nível distrital e nacional pelos seus partidos, alguns dos quais foram até ministros da I República.

Mais: Esposende era, no seu tempo, um Oásis Político para todos os perseguidos da antiga Polícia Política, que a todos acolhia e os colocava sob a sua protecção e responsabilidade. Que o digam várias famílias de Barcelos, Braga e mesmo de Esposende cujos alguns membros ele foi retirá-los aos calabouços da ex-PIDE/DGS e colocou-os sob a sua égide.

Sobre o aspecto do seu HUMANISMO, além da sua característica de esmoler atrás referida, durante a 2.ª Guerra Mundial tudo fez para minimizar ao máximo a falta de pão em Esposende, sobretudo às famílias menos favorecidas. O que não aconteceu durante o período de 1, 2 anos em que a sua Presidência esteve interrompida. Por isso, nos princípios do ano 1945 ou 46, não me lembro bem, uma grande manifestação da população concelhia de mais baixos recursos económicos teve lugar em frente ao edifício da Câmara Municipal e da Pastelaria Primorosa, onde o P. Sá Pereira se encontrava, exigindo o regresso deste à Presidência. O que brevemente aconteceu.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

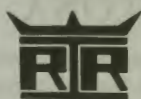
ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições



REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 750 72 04 — FAX 7597206

EXPOSIÇÃO «UM SÉCULO DE ARTES DO FOGO — 1890-1990 — COLECÇÃO PÁDUA RAMOS»

«A acção do Instituto Português de Museus tem-se pautado, desde o momento da sua criação, por uma colaboração íntima entre os coleccionadores privados e os Museus Nacionais». (Simonetta Luz Afonso, Directora do Instituto Português de Museus, in catálogo da Exposição em título).

Esta interacção, a todos os títulos louvável, leva os Museus a disponibilizarem espaço e os coleccionadores a proporcionarem um verdadeiro espectáculo, preenchendo-o com objectos artísticos que reuniram, e que constituem seu acervo.

É o caso da Exposição em epígrafe. As «luzes da ribalta» incidem sobre o conjunto de obras de Arte do Arquitecto Pádua Ramos, tornando-as vivas, palpantes, e cada uma delas como que se anima em sugestivas evocações, seja do «boudoir» de uma elegante dama do primeiro quartel do nosso século, seja do ambiente requintado de uma sala de visitas dos anos 40, seja de um sóbrio escritório do pós-guerra, seja dos espaços claros e alegres dos «livings» dos nossos dias.

Mas não só sobre os objectos incidem as luzes: elas vão focar e trazer para a «ribalta» a figura do Coleccionador, Artista que, com apurada sensibilidade, bom gosto, devoção (quase diríamos religiosidade), tem dedicado grande parte da sua vida a reunir esses preciosos objectos, a coleccionar Arte e Beleza.

A Exposição, sob o título «Um Século de Artes do Fogo - 1890-1990 - Colecção Pádua Ramos», está patente ao público no Museu Nacional do Azulejo, de 30 de Março a 30 de Junho do corrente ano. São 130 peças belíssimas, em vidro, cerâmica e esmalte, decoradas artística e requintadamente, testemunhos do pensar, do sentir e do viver ao longo

Já aqui referimos, há tempos, uma outra Exposição: Um Ourives e Sete Artistas Trabalham a Prata», em que o Arquitecto Pádua Ra-



Degué. Candeeiro. Cerca de 1930-35. Vidro moldado a sopro (base) e prensado (abat-jour).

mos integrou esse grupo de Artistas, desenhou objectos de prata, de linhas originais e inovadoras, cujo objectivo era «sacudir o marasmo em que caíram a prataria e a ourivesaria portuguesa, esta «prataria e ourivesaria que tem uma tradição e uma procura como talvez em nenhum outro país da Europa ocidental», no dizer de João Castel-Branco Pereira, Director do Museu Nacional do Azulejo.

Acontece que ambas tinham caído numa lamentável apatia, limitando-se a copiar modelos estrangeiros, ou reproduzindo formas e objectos dos séculos anteriores. Era, pois, precisa uma «pedra» que agitasse as águas paradas e revitalizasse uma Arte durante séculos incluída na injusta designação genérica de «Artes Menores».

Voltando à Exposição «Um Século de Artes do Fogo», ela inclui, não só Artistas estrangeiros mas também portugueses, pelo que se espera que venha a servir de estímulo aos nossos jovens «designers». E aqui continua implícito o objectivo do Arquitecto Pádua Ramos de atrair novos Artistas que aceitem o desafio de criar, inovando.

Como podemos concluir, a dimensão estética deste Arquitecto não se esgota na Arquitectura. Ele desenha a prata. Ele colecciona e põe ao alcance dos nossos olhos o indiscutível fascínio da Arte. Ele renova conceitos de beleza. Ele prestigia o panorama artístico português. Ele incita e abre caminho a novos Artistas para novos rumos.

E assim, saboreando o deleite de contemplar os maravilhosos objectos expostos, terminamos com uma afirmação dos Gregos de há 2500 anos, mas de uma flagrante actualidade:

ATÉ O QUE É ÚTIL DEVE SER BELO.

MARIA EMÍLIA CORTE-REAL

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

PARABÉNS!

Estou a olhar para ti e a ver-te, garboso e bonito, no teu «fato» verde, branco e negro. Como tens crescido!

Fazes hoje dez anos, Dez anos é muito, na vida de um jornal. E tu nem calculas o que eles representam de dedicação e de amor, de sacrifício e de trabalho. Por isso estás de parabéns. Por teres um «Pai» que te sonhou e concebeu e que continua infatigavelmente a acompanhar os teus passos.

Por teres uma «Mãe» que administra carinhosamente o teu «mealheiro», para prover à tua subsistência.

Por teres um «Padrinho» generoso, que financiou o teu «enxoval» e os teus primeiros passos.

Por teres uma grande família que te ama. Não só aquele punhado de gente bairrista e de boa vontade que ajudou a dar-te vida, a formar o teu «corpo» pequenino, mas também os que investem em ti dinheiro, sob a forma de publicidade e ainda todos aqueles que, perto ou longe, te recebem e acarinham todos os meses, na intimidade do seu lar.

Por tudo isto, mas principalmente porque ao fim de dez anos todo esse carinho, toda essa dedicação, não esmoreceram, antes se mantêm vivos e firmes como na primeira bora, permitindo-te o dom magnífico de viver, é que te digo baixinho, comovidamente, com a ternura de sempre:

PARABÉNS, AMIGO!

ATÉ BARCELONA

Nunca pensamos que em Fão se arranjava um grupo de oito portistas ferrenhos que se abalançassem a assistir no Nau Camp, em Barcelona, ao jogo Barcelona-F.C. Porto.

Pois é verdade, no dia 26 de Abril abalararam daqui 8 ferrenhos portistas que numa directa, ao fim de 12 horas, chegaram àquela cidade espanhola. Viram o desafio, ficaram tristes, pois claro, e logo no fim do jogo puseram-se a milhas. Foi outra directa até Fão. Chegaram no dia 28, à tarde. Claro que pelo caminho foram dando de beber à dor. Eis o nome dos valentes: Fernando Pedras, Artur Silva Sobral, João Luis, Américo Gonçalves, Amândio Faria, Nelson Teixeira, Luis Torre e Bertinho (Alberto Pereira).

Rigorosamente o Luis não é portista. Adora Águias. O mais velho da caravana era o Américo que em questão de resistência deu meças. Nunca dormiu nem de cá para lá, nem de lá para cá. Ao todo a viagem, as refeições e o bilhete de futebol (5 mil e quinhentas psetas) ficou-lhes por 16 contos. Já são useiros e vezeiros nestas andanças e estão ali para as curvas.



Emile Gallé. Jarra. Depois de 1900. Vidro moldado a sopro, em duas camadas, gravado a ácido

de um século, desde os Artistas do «Art Nouveau» aos Mestres das «Arts Déco», prosseguindo na turbulência do pós-guerra até às experiências pós-modernas.

Todas estas peças foram coleccionadas num percurso de mais de trinta anos de busca incessante, de dedicação e interesse sempre renovados.